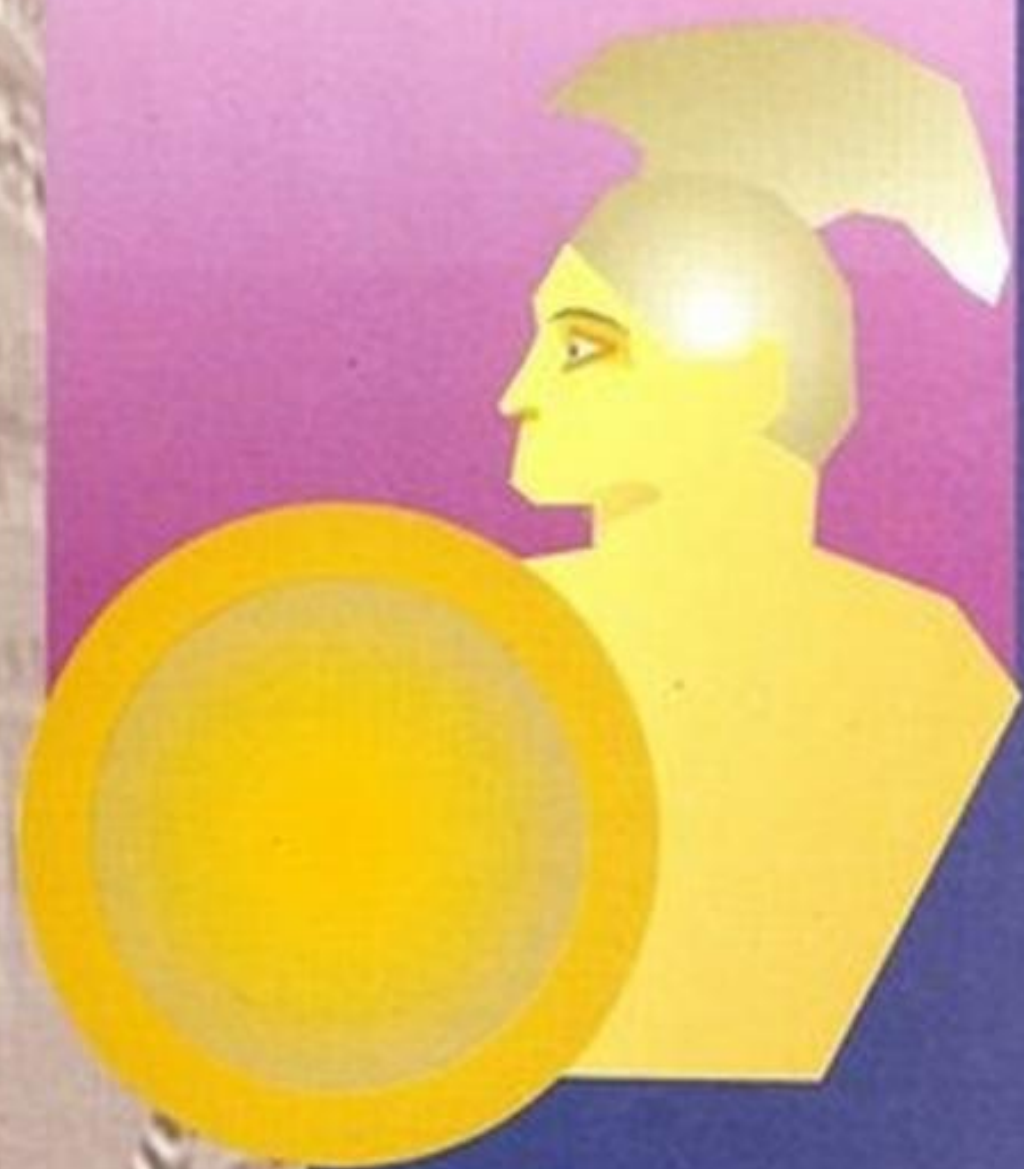


LEMBRANÇAS
DE UM
LEGIONÁRIO



JOSÉ PAULO A. FUSCO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

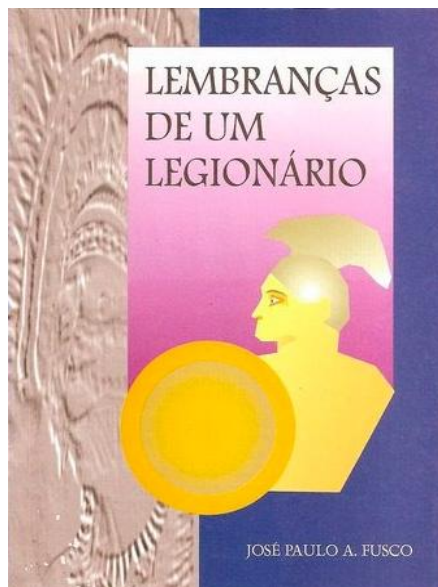
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



LEMBRANÇAS DE UM LEGIONÁRIO

Agradecimentos

Mais importante do que a obra em si, é o descobrimento das pessoas que nos ajudam a concretizá-la.

Neste processo, nos fortalecemos sempre, porque além de tornar concreto um ideal, acaba por nos revelar novos companheiros de jornada, irmãos no pensamento, que tornam cada vez mais fácil o atingimento de novas metas.

Com este livro procuramos iniciar o resgate de uma tarefa pessoal a nós atribuída pela espiritualidade maior que nos guia sempre, o que acabou resultando em maravilhosa recompensa pela claridade com que se iluminaram esses companheiros, reforçando em minha alma a luz do Cristo e a certeza de que não estamos sozinhos em momento algum.

O Mestre, luz maior da humanidade, julgou que eu fosse merecedor de contar com o apoio de pessoas da estatura do Prof. Vicente Aiello, Prof. Rubens Ulbanere, Jair Pereira da Silva, meu irmão Antonio Helano de Leorne Ferreira, Luiz Carlos Campos e Lelé, Sergito, Dr. José Roberto Martins Segalla, Prof. Jair Manfrinato, Prof. Vagner Cavenaghi e muitos outros, que direta ou indiretamente acabaram por nos honrar e tornar maior ainda a responsabilidade desse nosso trabalho.

Dedicatória

A Maria Carmelina Paulo Adriano José Eduardo Thais Vovó Zezé Vovô Paulo
DEDICATÓRIA ESPECIAL
Ao Tio Valentim

O COMEÇO DE TUDO

Quero iniciar este livro com uma antiga lenda, sobre um estranho personagem, sempre o mesmo,

soturno, discreto, sem nome, sem rosto, sem palavras, mas sempre presente ao longo dos caminhos da humanidade.

Em todos os fatos importantes nas curvas do tempo lá estava ele, vigilante, observando, registrando tudo como testemunha implacável.

Quando da decadência do grande Tibério, período marcado por seus grandes descalabros pessoais, tingindo de sangue e terminando de forma triste um governo de início brilhante, todos sentiram a presença do personagem estranho, sempre perto dos poderosos. Havia muito cheiro de sangue no ar, muitas desgraças foram ocorrendo, o Estado de direito faliu miseravelmente, assim como de certa forma o "de fato" também, entregue à sanha dos adutores do poder, sempre presentes quando do brotar da riqueza fácil.

No incêndio de Roma, não foram poucos os que notaram uma sombra escura, frequentemente ao lado de Nero, atrás das cortinas de tapete indiano, por entre os reposteiros das alcovas, por detrás dos generais nas reuniões de guerra.

Mais adiante, causou certa inquietação a nós todos a presença constante daquela entidade misteriosa junto a Átila dos hunos. Interessante a semelhança e, se houvesse um ser humano capaz de comparar as duas pessoas veria que... bem, eram parecidas.

Quando a corte de Genghis Khan varreu a China e ali se fixou, derradeira conquista de uma dinastia fadada a desaparecer, mercê das leis que governam os tempos, ali também apareceu um certo indivíduo que ninguém conhecia ao certo, mas nele adivinhavam grande poder.

Os derradeiros movimentos do império moribundo indicavam que a derrocada seria como foi sua ascensão, violenta, virulenta, sem limites, mortal.

Um pouco mais e nosso personagem pôde testemunhar o que foi feito em nome do Cristo, quando da primeira cruzada.

Mais ainda e vamos vê-lo no sórdido processo e na execução de Giordano Bruno, pouco depois como testemunha da noite de São Bartolomeu, como presença constante na corte cruel de Catarina de Médicis.

A pena corria velozmente pelos pergaminhos do tempo, implacável, incorruptível.

Prosseguia porém, a missão de observar, sondar, se tornar presente, trazendo sempre no semblante a mesma marca conhecida, na boca a mesma palavra impronunciada, nos olhos o mesmo brilho, o mesmo sorriso triste e sinistro, as mesmas lições aprendidas tantas vezes pelos povos, o mesmo gosto de tragédia na boca.

E a humanidade insanamente se comprazia em novamente aprender, o que todos já sabiam, o que todos já sentiam, mas teimavam em repetir, em sofrer, em sentir, em falar, em sorrir, em chorar, tudo de novo, mais que de novo, constantemente, eternamente recorrente, nas prisões do tempo, solto no universo.

A inquisição de Torquemada, na Espanha pós- medieval, ainda em nome do Cristo, também trouxe muito material de aprendizado e foi plena de lições, multi-aprendidas lições, mal-entendidas lições, desaprendidas, mutiladas, esquecidas, a morte tomando mais uma vez o lugar da vida.

Vieram as pessoas para a América e parece que ele veio também, com sua pena ligeira. Cabeças rolaram, gente que veio e se foi, governos que surgiram e caíram, rostos insípidos e sem nexos para a infinita eternidade, olhos abriram e fecharam, muitos foram e vieram.

Sonhos coloridos, com sabor, com odor, cheiros de enganosas promessas de conquista vieram mais uma vez habitar nossas vielas ainda escuras, nossas ruas, travessas, avenidas, cidades, países, vieram escurecer ainda mais nossos mundos de conquistas já realizadas e nos mostraram, enfim, como somos impotentes frente à força dos tempos.

Nada pod emos contra ele, a fantástica testemunha muda da história. No entanto, pouco a pouco, imperceptivelmente, mudamos todos, nós e ele.

Em relação ao passado nada podemos, mas está presente dentro de cada um de nós a

responsabilidade pela construção do futuro, agora mesmo, quando estamos vivendo o passado dos que vem por aí.

E o mesmo pergaminho, a mesma tinta, a mesma pena, mas a testemunha... que jogada de mestre, se instalou dentro de cada um de nós, assim como ocorreu certa vez com o princípio fundamental da vida quando da infância do homem.

A cada dia que passa nos tornamos mais e mais Deuses, aumenta nossa capacidade de criar, de fazer, de viver, os mundos diversos que virão por aí, como resultado direto de nossas atitudes.

Estamos no limiar de uma era na qual iniciaremos nossa grandiosa tarefa de multiplicar os mundos.

"Crescei e multiplicai-vos".

Estamos vivendo o ponto de mutação, a puberdade da humanidade e precisamos nos lançar juntamente com nosso personagem, agora dentro de nós, em direção à construção de uma nova história, **16** cada um em seu universo, iniciar novamente o trabalho de multiplicação das moradas da casa do Senhor.

Façam, mostrem a ele que o começo é agora, iniciem a primeira página de seu livro pessoal, depois outra e mais outra, componham um enredo que conquiste, que construa, para depois as coisas acontecerem concretamente e por si mesmo.

Aí descobrirão por fim, que é chegada a hora de fazer o amanhã, porque este tempo todo éramos nós as testemunhas mudas da história.

Toda vez que ocorria um sucesso, sorriamos em conjunto com os vitoriosos e os recebíamos em chegada triunfal ao plano espiritual.

Quando fracassos haviam, e foram muitos, chorávamos também lambendo as feridas, doloridas, coletivamente, pois desejávamos progredir, sair desse estágio de "loucura" ou inteligência insciciente em que vivíamos, sem saber que para a eterna visão cósmica cada passo tem o mesmo valor, a mesma distância, sendo cada um deles fundamental para atingir o objetivo desejado.

Quantas oportunidades foram dadas e alí ficávamos nós, como a viver em conjunto com os "felizardos" a grande chance de progresso na descida à matéria.

Como lamentávamos quando a falência ocorria e era desperdiçada a chance, rendida pelos encantos sensoriais ilusórios de um poder efêmero, talvez querendo gozar antecipadamente nosso grande destino de construtores do universo.

Quando ocorriam vitórias, vencíamos em conjunto e mantínhamos vivas nossas esperanças no futuro.

Aqueles que iam e que vinham eram plenos de lições para todos os que se interessavam pela tarefa de construir e desse modo, pouco a pouco, a passos de peregrino, fomos construindo nosso entendimento, aliviando nosso espírito e tornando mais fácil visualizar o caminho a seguir.

Confesso que às vezes até chegávamos a perder as esperanças, muito tempo de passava sem nada ocorrer, anos, séculos, o próprio corpo alterava sua forma fundamental, resultado do trabalho incessante dos amáveis arquitetos, para que pudéssemos obter um veículo cada vez mais adequado às nossas tarefas e necessidades.

No entanto, ao atingir um estágio no qual podemos passar a construir as coisas, é fundamental que nos lembremos de nossos elementos internos, testemunhas e escritores de nossa história pessoal.

Assim, as nossas obras passarão também pelo crivo do testemunho, pelo caldeirão fervente da experiência, pelas tentações insinuantes da ilusão, pelo sorriso sedutor e enganoso do poder, pelo grande brilho que normalmente existe nas ante-salas das sombras.

Certa vez, em uma encruzilhada dos tempos, encontramos dois caminhos, um com uma porta grande e trabalhada, ornada de ouro e pedras preciosas, que conduzia através da ilusão às trevas da ignorância. O outro, através de uma porta estreita, humilde, descobrimos que levava, através da verdade e da experiência vivida no amor, a um caminho de flores, pleno de realizações e

oportunidades.

E esta experiência no caminho do espírito que pretendemos, eu e o legionário, trazer para vocês aqui.

"Sois Deuses", disse o Mestre.

Muita paz.

1 LEMBRANÇAS DE UM LEGIONÁRIO

O tempo nos remete a um passado distante, quando ainda éramos jovens na matéria e no espírito. Chega-nos aos ouvidos, pouco a pouco, o alarido alegre e típico das reuniões que fazíamos na taberna Flavínia.

As canções marciais e o bater das canecas ainda estão presentes fortemente na lembrança.

O cheiro forte de vinho, fumaça e comida ainda nos faz arder os olhos.

Ainda sinto o gosto das amizades nascidas no calor da batalha, os braços amigos prontos a nos ajudar, o gládio certo abatendo os inimigos.

O sapateado alegre dos calçados, centenas, milhares deles, continuava nítido em nossas lembranças.

O ambiente era amplo, mesas retangulares compridas ladeadas por bancos onde todos nos sentávamos alegres para dar início a mais uma noite de vitórias.

Ainda trago na lembrança os olhares aflitos de nossos inimigos, armaduras negras, ai de quem ousasse se interpor em nosso caminho.

Nossas lanças trançadas no acampamento tinham a dupla finalidade de demonstrar poder e lembrar a todos a nossa eterna aliança. Estávamos entrelaçados na vida e na morte.

Nosso mundo era diferente então.

Partíamos para a batalha como quem parte para a disputa de algum jogo.

Lembro-me bem de nossa entrada na coorte, na XII Legio, nossos olhos faiscavam de prazer quando recebemos nossos gládios e vestimentas de legionário.

Era nosso ritual de passagem, virávamos homens de repente, nossas cabeças levantavam, nossos olhares adquiriam um certo ar de superioridade e deboche para com os demais cidadãos comuns. Éramos tornados Legionários, a nata da nação, o orgulho do César de plantão.

As moças nos olhavam então com ares diferentes, havia um que de diferente naqueles rostos.

Em nosso orgulho cego, nos tornávamos cada vez mais alienados em relação ao verdadeiro sentido de nossa existência, nossa passagem na Terra.

Tínhamos deuses para tudo e não precisávamos nos preocupar.

Tristemente límpidas as lembranças.

Quando finalmente vimos e sentimos a decadência de nossas crenças e de tudo, nos debatíamos em uma poça de sangue em algum obscuro campo de batalha na Ásia Menor.

Quando nosso corpo caiu, continuamos combatendo como loucos, sem saber, sem escutar as vozes amigas que nos chamavam à razão. E assim ficamos por anos a fio.

Voltamos a Roma, participamos novamente das festas, as mesmas festas com que brindávamos aos nossos feitos marciais.

O tempo foi passando e as coisas foram mudando.

Grandes transformações foram ocorrendo e na Grande Cidade passou a pairar uma enorme cruz luminosa, estendendo sobre todos nós benéficos fluidos revigorantes e nos refrigerar e acalmar os espíritos inquietos.

Dormimos e renascemos na matéria inúmeras vezes sem fim e aprendemos que o bom combate precisa de todos nós, para que possamos vencer a grande batalha que ainda não ocorreu.

Aqui estamos todos, amigos e inimigos de outrora, hoje irmãos da grande fraternidade cósmica formada pela humanidade.

Houve uma época em que os olhos do soldado só se abriam para a busca dos adversários no campo de batalhas, para sondar sorratamente os arredores à procura de ameaças ou perigos iminentes.

Hoje, no entanto, a nossa luta exige que nossos olhos se abram à procura de nossos irmãos necessitados e lhes enviem amor. Nossos olhos precisam estar atentos para identificar não mais ameaças e perigos, mas oportunidades de progresso, porque é para frente que devemos andar.

De nossos lábios saíam vozes de comando e as ordens que levavam a morte. Levavam os impropérios da caserna, as maldições a nossos adversários do campo de luta.

Hoje, é fundamental que de nossos lábios saiam exortações amorosas à compreensão da sublime obra de Deus. De nossos lábios devem sair não mais imprecações e maldições, mas desejos de melhora e energias positivas para nosso semelhante, pois somente as coisas positivas podem construir.

Nossos corações duros nos enevoavam a visão e proferiam sinistras sentenças, semeando a morte e a destruição em nome de uma glória feita de ilusão. Nossas mãos eram como que escravos sob as ordens de um tirano louco, a semear a destruição e a infelicidade.

Hoje, é importante que acendamos as luzes que temos em nosso templo interior e sejamos compreensivos e indulgentes para com aqueles que caem, pois também caímos inúmeras vezes.

Nossas mãos devem trabalhar como se fossem agentes de um déspota iluminado e ajudar nossos irmãos a se reerguer.

Nossas festas e confraternizações continuam, mas nossas luzes são outras, mudaram.

Hoje combatemos as trevas com as luzes do amor.

Nossas canções falam de um tempo que ainda está por vir, onde formaremos um só exército, um só corpo e daí, com certeza, nada poderá nos resistir.

Quem poderá ouvir novamente nossas canções e não sentir vontade de cantar? É quase que como um troféu a nos lembrar de conquistas mais duradouras, de tudo o que vencemos. É importante saber vencer.

Passaremos sempre em pé e à ordem, marchando em nossa luta, sob a égide da sublime divisa da luz, olhando sempre para frente e para o alto, à procura de oportunidades para colaborar.

A vitória é nossa.

2 GOSTO DE SAUDADE

Lá embaixo corria o trem, veloz, devorando planícies e montanhas, como imensa lagarta serpenteando ruidosamente, a lembrar a natureza, até com certa rudeza, que o homem ali estava para ficar.

As estrelas brilhavam diferente naquela noite, o cheiro de cósmica vida a nos lembrar a grandeza do todo e a ínfima realidade da mãezinha Terra, tão cara aos nossos corações, nosso adorado campo de provas e universidade espiritual.

É interessante como a alma percebe os grandes momentos, as inflexões da vida, na hora certa, consciência total infinita e eventual, sem explicação mas ... tão presente.

Às vezes podemos notar o comportamento das outras espécies, quando sua sensibilidade detecta o cheiro dos acontecimentos no ar, quando de repente tudo pára, silêncio, expectativa.

Ia o peregrino errante em um vagão de carga, espalhado por sobre palha e caixas de papelão e madeira, com os olhos da alma abertos, silentes e vigilantes.

Como era duro aquele chão, porém como era bom ter um chão para pisar.

Por pequena fresta no teto, vez por outra dava para divisar a claridade da lua a romper a escuridão do lugar, bamboleante, trazendo silencioso recado do universo à sua alma sofrida e

dolorida.

Oh! Lua, eterna testemunha, vigilante dos amores, paixões fugazes e eternas, se teus lábios pudessem falar, quantas belezas haveria de contar àquele solitário peregrino da estrada, sem riqueza e sem destino, mas tão apaixonado pela vida.

Haveria certamente de lembrar tempos felizes, onde haviam risos, vontades, energia, tudo.

Oh! divina e eterna Lua,

Toda pura, ousada chama,

Leva ci alma de quem ama,

O amor da alma Tua.

Traz depressa a luz que guia,

O entendimento que situa,

Ao caminhante em plena rua,

E a minha alma a luz do dia.

Vozes do passado, estranhas, ecoavam diferentes em elevados conceitos que, também estranhamente, soavam familiares como parentes distantes, queridos, que voltavam de algum modo de algum lugar, de um outro tempo.

Como doíam aquele chão e aquelas pontas de caixas, mas àquela altura até mesmo a dor já tinha se tornado familiar, rigorosa companheira a lembrar ao viajante que longo _era o caminho e necessário o caminhar.

Mas o que era o caminho para o caminhante? Ora, estava em casa, estava em todo lugar.

Sentiu que o chamavam à luta novamente.

Como podia ter adormecido aquele tempo todo.

Corria solta a batalha entre os dois exércitos enfurecidos sabe lá Deus com o que.

Tentou levantar e não conseguiu, ou melhor, nada sentiu, mas caminhou em direção ao lugar e viu tudo aquilo novamente.

Se a mãezinha Terra fosse viva, certamente àquela hora estaria sangrando, se tivesse voz estaria gritando contra aquele monumental absurdo contra vida. <

Só despertou de fato quando alguém conhecido passou correndo à sua frente.

Ora, sou eu", pensou, sem tirar os olhos do indivíduo.

Não podia ser verdade, mas ali estava ele, a comandar pequeno contingente por entre as linhas inimigas e então começaram as coisas a fazer sentido em sua mente.

Perseguiam um soldado que havia desertado da tropa, tendo o comandante ordenado que justiça fosse feita, uma vez que o moral não poderia sofrer mais revezes, sob pena de comprometer mais ainda a situação das combalidas forças de sua pátria.

Não foi difícil alcançar o desertor, mas quando o olhou nos olhos sentiu mais uma vez o impacto, juntamente com o seu outro "eu" ali presente. Era um menino, com no máximo 12 anos. Como poderia sacrificá-lo?

No entanto, estupefato, percebeu seu outro "eu", sem hesitação, subir e descer a baioneta com vigor, consumando mais um capítulo de sua enorme tragédia pessoal.

Lembrou-se dos olhos do garoto que não fechavam, enrijecidas as pálpebras pela tensão de pavor estampado na face. Conseguiu fechá-los, não sem antes fazer várias tentativas.

Olhos verdes, brilhantes, juvenis, que possibilidades haveriam por detrás daquele olhar? Poderia ter sido seu filho. Tinham mais ou menos a mesma idade, os mesmos cabelos louros, os mesmos olhos.

Quem sabe no futuro aquele garoto não teria se tornado um grande dirigente do país, ou então um amoroso pai de família como ele, ou um condutor de almas.

No entanto ali estava, caído a seus pés, um mundo todo e todo o mundo ao mesmo tempo.

Que frio estava fazendo naquela noite, mas sentiu-se adormecer embalado por mãos macias. "Será mãe?", pensou divertido. Mas que mãe, se nem mesmo lembrava como era uma. Nunca havia

tido uma. Ou havia?

Lá embaixo luzes se aproximavam, indicando que chegava o trem à grande metrópole, seu destino, em direção à gare e ao pátio para descarregamento.

Brilhavam compassadamente as luzes vermelhas e brancas, tingindo as paredes e as faces das pessoas ao redor.

Que estranho!" pensou o oficial de polícia, "como foi difícil fechar os olhos do coitado. Eram verdes, brilhantes, cabelos louros. Parecia tão velho, com olhos tão jovens".

*Oh! divina inconsciência,
Onde repousa o peregrino,
Leva o homem, mais menino,
Leva em busca da inocência.
Leva à paz, à eternidade,
Ao retorno ao lado certo,
Um amor redescoberto,
E um gostinho de saudade.*

A lua descia no horizonte e o sol já se fazia senhor do dia que despontava.

Que silêncio estranho fazia.

Ao longe no infinito, dobrava o peregrino mais uma esquina do tempo, seguindo adiante em sua caminhada rumo às estrelas.

3 O MENINO E O GENERAL

Chovia bastante naquela noite. Os céus choravam abundantemente por sobre a terra e os seus filhos, espalhando a vida nos campos cultivados e molhando a consciência dos errantes.

Era um desses dias nos quais se celebra uma festa qualquer. Qual o nome? Não importa.

Caminhava o viajante anônimo, arrastando atrás de si pesadas emoções e sacrifícios.

Quantas vezes havia passado por essa rua? Talvez nenhuma, mas se lembrava de tantas.

As vezes sem conta em que se postara no limiar da vida sem poder entrar.

Em resumo, tudo era tão igual.

Através das janelas passavam e se espalhavam raios de alegria e satisfação, vindo dos rostos risonhos lá dentro.

Caminhavam no escuro do céu as granadas, deixando atrás de si por breve tempo o seu rastro luminoso, indo explodir por detrás das linhas, semeando mais morte e destruição no solo castigado da pátria invadida, vilipendiada em sua honra por interesses certamente patrióticos, porém em sua maioria de duvidosa explicação.

Reinava total confusão nas trincheiras, e não raro um recruta mais novo saía desesperadamente a correr, sabe Deus para onde, levando consigo o imenso grito de protesto pela violência que lhe assaltava o peito. E era no peito que o grito acabava, sufocado pela derradeira lágrima, vertida já de lugar incerto, onde nada mais da terra tem sentido.

A batalha corria solta na terra encharcada pelo dilúvio do céu.

"Era preciso percorrer as fileiras e injetar ânimo nos homens".

"Quantos inúteis", pensava o general, "deixam-se matar sem proveito algum. Isso tem de acabar. Tenho de ensiná-los".

Que sorte! Um casebre abandonado. Era tudo o que faltava no mundo. Um lugar para ficar. Não tinha teto, mas ficando junto à parede já dava para se proteger.

Era o auge da festa. Espoucavam nos céus os fogos de artifício, comemorando sei lá o que.

Ligeiro tremor percorreu seu corpo, ou o que restava dele após tantas páginas viradas.

Medo do que? Não soube explicar, mas é medo o que sentiu. Um receio vindo das profundezas de não sei onde.

O jeito era ficar, secar e depois partir. Para onde? Não sabe. Para lá...

Desabou junto à parede, corpo e alma juntos, no interior do improvisado refúgio.

Estava clara a noite.

Volta e meia passavam os automóveis velozes a conduzir, frenéticos, os gozos e alegrias para lá e para cá.

Luzes. Oh! Luzes ofuscam a visão do garoto.

Procurando através do dilúvio. A batalha não pára.

Como pode uma criança matar alguém? A infância não deixa.

Porque ficam felizes com a morte? A infância não entende.

Felicidade é uma boa bola de couro para chutar. E o beijo na mamãe de manhã.

Felicidade é o chinelo certo do papai, quando de alguma traquinagem.

Felicidade é o sorriso fugitivo da menina da casa ao lado, tão perto e ao mesmo tempo tão distante.

Felicidade é aquilo que se nota quando os olhos de papai e mamãe se cruzam tarde da noite no aconchego do sofá, após um dia de trabalho.

Felicidade é olhar para o lado e ver uma colher de remédio avançando em direção à boca, trazida por mãos carinhosas e olhares preocupados.

No entanto, procuram-no. Lhe deram uma farda.

Quem se atreve? Não quero. A infância não quer.

Um disparo. Só um.

"General, era um menino".

"Não adianta falar com esse tipo de gente. Covardia não ganha guerras. Preciso de homens".

Afastou-se o general em seu cavalo, perdendo-se pouco a pouco na torrente de água que descia do céu.

No chão um corpo. Nada mais.

Um sorriso de criança a se despedir deixando um encanto perfumado no chão encharcado de violência.

Um cochilo e um despertar sobressaltado. "Incrível, porque um cavalo? De novo o sonho. Um cavalo a me levar por um campo molhado, juncado de rostos, muitos gritos, cenas terríveis, explosões... Ah! E isso. São os foguetes".

Muito frio, muita água por todos os lados. Saudades não se sabe de que, ou de quem. Parece que foi ontem, mas não se lembra.

"Gostaria de ajudar essa gente a ser feliz".

Nem a fome tinha mais importância. Nem a água.

Tudo acabou, acabou-se o general.

Afastou-se o menino, com sua infância, perdendo-se na torrente de água que descia.

No céu, um general virou menino.

No chão um corpo. Nada mais.

4 RITO DE PASSAGEM

Muitos ainda se perguntam sobre o valor da prece que sai da boca do pecador.

Tem muito valor. É a que tem maior valor, pois traduz um momento único na vida cósmica de uma alma. O momento da visualização do Pai Eterno. O momento da compreensão final, aquele algo mais que estala mágico, dentro de nós e nos traz a Luz, nos abre os portais, os caminhos, as vertentes magnéticas que nos ligam ao Mais Alto, a nosso patrimônio espiritual.

O Sol descia mansamente na linha do horizonte, sereno, tranqüilo, cômico de sua majestade, e eu olhava a tudo com os olhos da alma, derradeira fagulha de alguma coisa de valor que eu sentia, ainda

tinha dentro de mim.

A natureza toda, genuflecta, parecia render homenagens ao Pai da vida, por mais um ciclo completado, por mais uma batalha vencida.

Os fortes abaixavam a cabeça e iam para casa.

Os fracos se tornavam fortes, na esperança de dias melhores e quedavam para o sono reparador. Só eu parecia deserdado, defasado e longe disso tudo.

E difícil fazer filosofia quando a barriga reclama.

Após tantos "nãos", já não sentia que havia alguma esperança e algum lugar para mim.

Nascido sozinho, só passei pela vida e assim estava, na imensidão da matéria nebulosa.

Quantos olhares assustados, raivosos, reticentes, quantas palavras sentidas... negativas, quantos motivos ouvi para negar e não houve uma só vez que um só motivo para dizer sim.

Os barulhos noturnos atestavam mais uma vez o repouso dos elementos, enquanto eu continuava em meu desassossego interior.

Imagens iam e vinham em minha mente febril, sonhos de grandeza, de poder, de grandes realizações, palácios, festas, mulheres bonitas, vinho, os estandartes levantados bem alto acima da multidão quando nas paradas.

As gotas de suor desciam grossas pela testa, molhando os olhos secos de lágrimas.

Lágrimas... quantas desceram por esse rosto.

O gosto da traição, da ironia, do deboche.

As paradas... estranho, talvez resultado de um estado febril... delirava.

Os olhos, porém, fixos em um ponto incerto não mentiam. Algo havia que estava acontecendo de importante naquele momento.

Os rostos, estranhamente familiares, os reis, os carrascos, os poderosos assassinos, os generais impiedosos, os traidores, as prostitutas... rostos estranhamente familiares.

Derradeiro fechar das cortinas para mais um ato na vida de um lutador.

A noite ainda se fazia presente, lançando seu manto escuro sobre o corpo dolorido do viajante sem destino, olhos pregados em algum ponto já além do tempo e do espaço.

Assim foi o meu rito de passagem, quando finalmente me veio à lembrança, não sei como, à percepção universal e cósmica, iluminando minha consciência e... compreendi tudo.

Compreendi e santifiquei os meus caminhos, estendendo os braços para a Verdade e ela me levou célere, a percorrer os ares de meus mundos.

Senti no rosto o vento forte, fresco e revigorante do caminho encontrado e a felicidade novamente, senti, libertou-me de minha prisão.

Os primeiros raios do Sol, as primeiras criaturas começavam a emitir os primeiros sons da manhã, formando a sinfonia de uma nova jornada na terra da regeneração.

A claridade veio, por fim, emoldurar o último e eterno sorriso de um homem feliz.

5 ALÉM DO HORIZONTE

Contam os antigos uma lenda, segundo a qual existiu em determinado lugar poderosa civilização, rica em conhecimentos científicos e formosa pelos traços étnicos e conquistas culturais.

Havia então o domínio quase que total pelos homens daquela nação sobre os elementos que garantiam a vida e sobrevivência.

Em grande harmonia se davam as relações do povo entre si e seus governantes, pois evidentes eram os esforços e as intenções de todos no sentido do progresso e do bem estar comum.

Num dado momento, foi detectada pela cúpula científica terrível perigo a se aproximar rapidamente, trazendo profunda incerteza quanto a continuidade da existência de tudo e de todos.

Passado o choque inicial da notícia, procuraram os homens de ciência equacionar o objeto em

questão mediante pesquisa para obtenção de informações adicionais, de modo a subsidiar o estabelecimento de objetivos e metas para ultrapassar as dificuldades com segurança e um mínimo de efeitos indesejáveis.

Após estudos, e examinadas exaustivamente várias hipóteses, foi elaborado um plano de salvação.

Deveria sobrevir em breve tempo, um conjunto de condições várias desfavoráveis à vida por um período muito longo (digamos uns 20000 anos), que transformariam a região que ocupavam em terra inóspita e imprópria à obtenção dos meios elementares de subsistência, além do que novas condições magnéticas adversas poderiam trazer conseqüências não só na carne, mas na própria estrutura mental e espiritual, resultando na aniquilação total de suas individualidades.

De acordo com o plano, foi estabelecido um ciclo de processos pelos quais a sociedade teria de passar, ao final do que seria novamente atingida a situação vigente antes da catástrofe, com as conquistas científicas e sociais não só preservadas e restabelecidas.

Contam que naquela época era grande o desenvolvimento mental dos indivíduos. A linguagem falada era muito pouco utilizada, mais para ocasiões formais, uma vez que muito pouco ficava sem entendimento, e a harmonia reinante era o fluido vital no qual as criaturas viviam e trocavam sentimentos e 44 idéias, alimento básico sobre o qual erguia-se o templo daquele magnífico povo.

Para cumprimento do plano estabelecido, foram necessárias várias providências preliminares de modo a preparar e "climatizar" as pessoas, tendo em vista as novas condições a enfrentar.

As faculdades mentais e sensoriais foram reduzidas, mediante técnicas especiais de "esquecimento", para que as dificuldades e limitações encontradas não viessem a aguçar e provocar desmedida ansiedade em cada um, evitando trazer desarmonia no relacionamento social.

As lembranças e os conhecimentos científicos idem, pois longo deveria ser o ciclo a cumprir e portanto, foram também "adormecidos" nas pessoas e nos genes da "nova" raça adaptada.

Seria necessário, no entanto, que alguns mantivessem o conhecimento e a sabedoria acumulados e os transmitissem ao longo das gerações, caso contrário não haveriam condutores para o caminho de volta.

Para tanto, foram escolhidos indivíduos que passariam a desempenhar o papel de "sacerdotes" guardiões dos segredos da raça, que se encarregariam de manter a nave na rota delineada e garantiriam o retorno seguro, a seu devido tempo, das conquistas armazenadas.

Preservariam também, mediante ação constante junto ao povo, o comprometimento intuitivo de todos, ainda que inconscientemente, com os objetivos estabelecidos pelos cientistas maiores em seu plano.

Uma vez concluídos os preparativos, e estando próxima a data limite, foram transferidos todos os habitantes para uma ilha, primeira etapa da jornada, após o que, de acordo com o plano e cumpridas determinadas condições, seria feita a transferência para um continente distante, pouco além da linha do horizonte.

Ao chegarem à ilha, imediatamente entraram em ação as providências tomadas previamente, e teve continuidade a história daquela nação como se ali tivesse sido sempre o seu lar. Nada era lembrado da pátria anterior e passaram então a viver como se nada mais existisse além da ilha e do mar.

Com o nível de conhecimentos e poderes sensoriais "adormecidos", formou-se ali uma comunidade harmônica com os dotes naturais e possibilidades existentes.

Os "sacerdotes" guardiões dos segredos e conhecimentos "esquecidos" passaram então a 46 desempenhar o seu papel e, em função de que a próxima e longínqua etapa seria a transferência para o continente, cultivar duas artes vistas pelo povo com ceticismo e sem maior utilidade, tendo em vista a ilha ser o único universo conhecido de todos.

Eram as artes referentes a construção de embarcações e a natação.

Para que, raciocinavam, construir barcos ou aprender a nadar se nada mais havia além da ilha. "Deve ser mania, pois os sacerdotes tem sabidamente algumas excentricidades e são algo esquisitos".

Passaram os anos, centenas, milhares, com o suceder da vida, com a outrora magnífica e orgulhosa raça se agarrando àquela humilde ilha como tábua de salvação no imenso oceano do tempo, lutando para não afundar.

Os objetivos traçados foram pouco a pouco sendo atingidos, dado que a raça sobrevivia e os conhecimentos e segredos continuavam intactos e seguros sob a vigilância dos sacerdotes do templo da ilha.

Haviam basicamente dois tipos de cidadão naquela sociedade, o comum que trabalhava a terra, formava família e contribuía para a manutenção da vida, e o sacerdote, que promovia a continuidade da sobrevivência da consciência adormecida de cada um mediante rituais e simbolismos, além de atuar como juiz em questões diversas e conferir formalidade e validade às decisões, celebrações e solenidades, além é claro de, estranhamente, construir barcos e ... pasmem, nadarem por sobre a água.

Ao longo do tempo, e de acordo com o plano, os sacerdotes haviam esclarecido ao povo em geral, que se fazia necessário um certo preparo para que alguém pudesse aprender a nadar, ou até participar da construção de um navio. Para tanto, havia um processo de seleção mediante o qual eram escolhidos novos integrantes aos quadros do "clero".

Nisso, um homem, considerado carecedor das qualidades necessárias, rebelou-se contra essa ordem e conseguiu desenvolver uma idéia magistral. Observara que o esforço para singrar os mares e atingir outro local, colocara um fardo muito pesado e aborrecido sobre o povo, que se mostrava disposto a acreditar no que o clero lhe contava sobre a viagem.

O homem compreendeu que poderia adquirir poder e também vingar-se dos que o haviam preterido.

Oferecer-se-ia para tirar-lhes o fardo das costas afirmando simplesmente não haver fardo.

Declarou:

O homem não precisa integrar a mente e treiná-la da maneira descrita a vocês. A mente humana já é uma coisa estável, contínua e consistente. Disseram-lhes que vocês precisavam tornar-se artífices para construir um navio. Pois eu lhes digo que não precisam ser artífices, nem construir navio algum. Um ilhéu tem apenas de observar algumas regras simples para sobreviver e permanecer integrado à sociedade. Pelo exercício do bom senso, inato a todos, qualquer um pode alcançar qualquer coisa nesta ilha, nosso lar, propriedade e herança de todos".

Tendo provocado grande interesse no seio do povo, o tagarela em seguida "provou" sua mensagem dizendo:

"Se houver alguma realidade em navios e em nadar, mostrem-nos navios que fizeram a viagem e nadadores que voltaram".

Era um desafio aos sacerdotes, que não o podiam enfrentar. Baseava-se numa suposição cujo sofisma não poderia ser detectado pelo povo bestificado. A verdade é que nunca haviam voltado navios da outra terra, e os nadadores, quando regressavam, eram submetidos a uma nova adaptação que os tornavam invisíveis à multidão.

Como não fosse possível aos sacerdotes saciar a imensa sede desencadeada pela questão, os revolucionários enforcaram quantos sacerdotes empenhados na construção de navios puderam encontrar.

O novo "evangelho" foi acolhido por todos com entusiasmo, como um "evangelho" de libertação. Os homens passaram a se sentir desonerados de responsabilidade.

A maioria das outras maneiras de pensar foi logo absorvida pela simplicidade e conforto das novas idéias, jamais contestadas por nenhuma pessoa "racional".

Criou-se uma escala de valores, segundo a qual entendia-se como "racional" qualquer pessoa que se ajustasse aos "novos conceitos" em que se baseava agora a sociedade. Quaisquer outras idéias que se opunham a tais conceitos foram facilmente rotuladas como "irracionais". Todo "irracional" era ruim, e daí por diante todo indivíduo que tivesse dúvidas tinha de suprimi-las ou afastá-las, porque precisava ser tido por "racional" a qualquer custo.

Não era difícil ser "racional", bastando aderir aos valores da sociedade, além do que eram muitas as provas da verdade da racionalidade, desde que as pessoas não se pusessem a pensar além da vida na ilha. É compreensível a fobia que assaltava as pessoas com relação a idéia de deixar a ilha. Descobre-se um medo semelhante nos prisioneiros condenados a penas muito longas, quando se veem na iminência de ser libertados. Qualquer lugar "fora" do cativeiro é um mundo vago, desconhecido, ameaçador. ilha.

A ilha era uma prisão. Era uma jaula de barras invisíveis, porém mais eficazes do que o seriam quaisquer barras óbvias.

A sociedade da ilha foi se tornando cada vez mais complexa. Sua literatura era rica, inúmeras composições culturais e livros explicavam os valores e realizações da nação. Havia também um sistema de ficção alegórica que mostrava o quão terrível poderia ter sido a vida se a sociedade não tivesse se ajustado ao novo "evangelho" tranquilizador.

Muitos foram os cultos e os ídolos insulares que surgiram e morreram ao longo do tempo e, à medida que os séculos passaram, a ilha se viu juncada de destroços desses cultos. Pior do que destroços comuns, eles eram autoperpetuantes. Pessoas bem intencionadas e outras combinaram e recombinaaram os cultos, e estes voltaram a propagar-se, e também voltaram a morrer.

Proliferaram magníficas instalações para o gozo de "satisfações" limitadas. Palácios e monumentos, museus e universidades, institutos do saber, teatros e estádios abarrotaram a ilha.

Clandestinamente porém, os navios continuaram a desfraldar suas velas e a partir, e os nadadores continuaram a nadar e a ensinar natação.

Pouco a pouco, secretamente, começaram mais e mais a surgir pessoas que desejavam ir mais além. Começaram a despertar no íntimo de cada indivíduo as "adormecidas" faculdades que permitem satisfazer a curiosidade, vencer desafios, dominar as barreiras do preconceito infundado que impedem o conhecimento pleno das coisas.

As pessoas cumpriam, sem o saber, a primeira grande etapa do processo.

O que levar na viagem? Nada, pois todas as coisas realmente importantes tinham sido previamente armazenadas no continente de destino. E tudo, pois lá não existiam as pessoas.

A lenda não termina, pois se olharem ao redor, perceberão que ainda existem muitas pessoas na ilha.

Continua porém, o trabalho dos construtores de navios e instrutores de natação.

6 À BEIRA DO CAMINHO

Caíam os céus por sobre a floresta, faíscas iluminavam a paisagem triste e amedrontada.

Parecia mais uma batalha travada entre os elementos, um barulho infernal de trovões e de água que caía.

Nada se movia. Parecia que o mundo dos vivos havia se escondido para aguardar que serenassem os ânimos exaltados da natureza.

As encostas do monte vertiam rios de lágrimas, arrastando consigo galhos, arbustos, pedras, e o que aparecesse pelo caminho.

No topo do morro, por entre as árvores, pés ligeiros se moviam sem rumo certo.

A figura atormentada ria e chorava ao mesmo tempo, fisionomia incendiada em insana alegria.

"Conseguí", dizia, "trazer para meu lado as forças das trevas".

"Ela é minha agora, minha para sempre".

De repente, parado, ouvidos atentos.

Estão de volta, os malditos estão de volta. Posso ouvi-los à distância. Tenho de correr".

E corria.

"Maldito Artur, jamais me pegará vivo. Antes disso eu já a terei levado junto comigo".

E ria, e chorava, e ria.

O palácio iluminado como nunca.

Gente elegante se movia por todo lado, conferindo vida ao imenso corpo do vetusto solar.

Lá fora, carruagens de todo tipo, valiosos animais e serviçais, envergando vistosas "librés", cada uma com o escudo de armas característico de sua casa de origem, que não eram poucas naquela noite.

Haviam os príncipes de Savoia, os condes de Rizieri, vizinhos do anfitrião, o jovem conde Alexandre, herdeiro de valiosas terras ao sul, possuidor de notável inteligência e coragem, além de muitas outras cabeças coroadas que necessitariam várias páginas para serem enumeradas.

No topo do morro de Siena, a visão para quem olhasse da planície era esplêndida. Parecia que algum anjo de luz havia descido à terra com seu palácio para nos abençoar com sua visita.

A jovem condessa Ariadne era o centro das atenções, com seu sorriso gracioso e porte real, fazia com que a própria natureza se dobrasse ante tamanha beleza, contribuindo a adornar sua bela figura com um magnífico céu coalhado de estrelas, que salpicava de alegria o transbordante manto de juventude da jovem senhora.

"Será que um homem da minha posição e estirpe merece ser tratado com tal desprezo por essa gente? Eu não mereceria jamais usar meu nome se permitisse ocorrer tal coisa sem nada fazer a respeito".

O jovem conde Alexandre nutria, já de algum tempo, secreta e doentia paixão pela jovem senhora que, no entanto, nunca tinha dado motivos para incentivá-lo a tanto.

Os dois rivais haviam crescido juntos, tendo sido companheiros de armas na Terra Santa, freqüentado juntos os mesmos salões, o que produziu algum sentimento de companheirismo e amizade entre ambos, culminando com uma aproximação maior das duas casas.

Desde a juventude, em suas andanças pelo Oriente, com os exércitos de sua terra marchando juntos com os de Ricardo Coração de Leão, tomou de assalto ao jovem conde a filosofia oriental, tornando-se o mesmo grande estudioso das ciências encerradas nos antigos mosteiros da Terra Santa, ao redor do palco onde se deu talvez a maior injustiça cometida pelo homem.

Certo dia, ao sair em patrulha, Alexandre e mais uma dezena de companheiros se viram atacados por tropas árabes em grande número.

Alexandre levou certo golpe, caindo do cavalo sem sentidos, sendo dado como morto por ambos os lados.

Acordou em escuro lugar, iluminado apenas pela bruxuleante chama de uma lâmpada de azeite.

Levou a mão à espada, mas aguda dor no lado esquerdo do peito fez com que aquietasse novamente.

"Os deuses do destino lhe deram outra oportunidade rapaz, não force a sua sorte".

Forçou os olhos, procurando acostamá-los à pouca luminosidade do local.

"Quem está aí?"

"Você fala a minha língua, onde estou? Quem é você? Precisamos voltar para nossas linhas".

"Na verdade falo todas as línguas e sou de nenhum lugar... e de todos ao mesmo tempo. Nada tenho a ver com suas linhas. Minha vida é universal ao contrário da sua, que um golpe de espada pode levar".

"Quem é você?" Perguntou novamente.

"Chame-me do que quiser. Pedro... está bem assim r

Conseguiu aos poucos acostumar a visão à pouca claridade, o que lhe revelou a presença de um ancião, cabelos e barbas brancas tão longas quanto sua presumida idade, vestindo tosca túnica de

linho que lhe caía até os tornozelos.

Os olhos azuis, no entanto, denotavam vida infinita e firmeza tão grande que Alexandre levou um choque ao fitá-los.

"A morte não o quis, jovem. Por isso, repousa o corpo agora mais um pouco, para dar tempo a que os deuses da vida se instalem novamente dentro de si".

Pousou as mãos em seus olhos e tudo escureceu.

Teve sonhos e visões horríveis.

Estava em um lugar semelhante a um mosteiro com gente de aspecto estranho, trajando longas túnicas, que apontavam em sua direção.

Culpa, sentiu culpa por aquilo tudo e saiu correndo em desespero, suas vestes voando ao vento, fugindo. A cada esquina mais gente aparecia, e jogavam coisas.

Um rosto de mulher, sofrida, com uma adaga cravada no peito.

Culpa... corria, pedras, de repente o vazio, e um corpo que caía, caía, caía... e acordava sobressaltado, banhado de suor, em pedidos delirantes de socorro.

O ancião desvelou-se em cuidados naquela noite, mas era preciso, havia algo a ser feito, estava previsto e ele sabia.

E os sonhos voltavam, vezes sem conta, até que cessaram, seguidos por suave tranqüilidade, trazendo ao guerreiro enfermo a paz necessária ao seu restabelecimento.

Acordou com um reflexo dourado em seus olhos.

Era uma espécie de amuleto à luz da chama, ao lado a figura do ancião a fitá-lo em serena expectativa.

"Então era verdade", pensou Alexandre, "ao menos isto era verdade".

"Que lugar é este?"

"É tão importante assim?" Quis saber o velho.

"Tenho de voltar, nossas forças estão em retirada. Se não voltar estarei perdido, jamais me encontrarão".

"As pessoas certas já o encontraram".

Houve grande júbilo na casa de Alexandre pela volta do jovem conde, desaparecido há vários anos durante a campanha de Ricardo.

Por fora ainda era jovem, mas por dentro centenas de anos haviam se passado.

O fundamental, no entanto, permanecia em seu íntimo.

A luta entre alguma coisa ardente, terrivelmente bela, volúpia, contra outra de branca beleza e harmônica pureza.

Ainda ouvia na alma ecoarem as palavras de Pedro.

"Há que ser perseverante no caminho e olhar para o Alto, de modo a que desçam sobre você, sempre em corrente ininterrupta, os princípios básicos vivos do universo.

Repousa sobre todos nós o futuro de tudo aquilo que construímos nesse mundo, e depende da qualidade de nossos esforços a qualidade do que colheremos mais tarde.

Nossos caminhos são diferentes, mas ambos conduzem ao mesmo lugar.

Leve em seu espírito, em seu templo universal, estas poucas sementes do conhecimento e desenvolva-as, para que sua sabedoria se instale forte e sadia, fazendo de você mais um daqueles que leva o mundo para frente, mais um guardião em constante vigília".

O velho eremita agonizava.

"No entanto, sinto grandes conflitos dentro de sua alma, sua história é cheia de desvios e perigos pelas esquinas do tempo.

Apesar disso, o que vem por aí dependerá principalmente daquilo que você mesmo desejar fazer.

Seja senhor de si mesmo e quando olhar para trás e lembrar-se de tudo o que passou, parecerá

apenas um sonho mau e passageiro, vai se lembrar de um irmão verdadeiro, viajante do tempo, um ponto de partida para a vitória.

O cuidado maior é com sua própria inconstância e com as forças que se batem dentro de você.

Faça com que vença sempre as forças da Harmonia. Este é o segredo."

E se foi o Pedro, o eremita, qual chama que se apaga ao término do azeite.

Ficou apenas o invólucro sem vida... mudo, construção elementar, sem sentido quando vazio, aos pés do guerreiro.

Nunca terei de esquecê-lo", pensou.

O caminho de volta foi longo, pelas terras altas, por regiões estranhamente familiares.

Viu (ou reviu) as construções dos lugares nos quais agora, também estranhamente, se sentia à vontade para meditar, orações conhecidas sem saber como.

Passou pelas terras geladas onde experimentou a fome, sede, foi saqueado, preso, enjaulado, vendido como escravo.

Nunca pensou que tais coisas pudessem, nem em sonhos, lhe acontecer.

Encontrou pessoas, gente diferente, falou com a língua do espírito e também ouviu... e viu.

À noite, quando o corpo descansava, o jovem conde passeava, às vezes fugia, daqueles mesmos que lhe apontavam freqüentemente nos sonhos turbulentos da enfermidade.

Houve uma vez, no entanto, que foi diferente.

"E nosso", gritou um deles.

"Após tanto tempo conseguimos pegar o assassino. Nossa sede de vingança será saciada afinal".

"Não conseguirá fugir de novo. Mudou-se para um lugar estranho aos nossos olhos, mas agora não conseguirá escapar. Agora é questão de tempo. Haveremos de perdê-lo. O rapazinho que quis ser nobre".

Muitos risos, uma algazarra se formou em macabra comemoração.

Grande surpresa para o jovem conde Artur, companheiro de batalhas, quando viu a figura desgastada de Alexandre aparecer em sua sala, anunciado pelo criado.

"Incrível, por onde andou rapaz? Quase morro de susto ao vê-lo surgir agora, como alma penada fugindo da morte".

"A eternidade não me quis", disse Alexandre. "Temo ser imortal".

"Não brinque, venha cá e nos conte tudo. Quantas aventuras não deverá ter passado. Espere um pouco enquanto chamo todos para vê-lo. Rapaz, não é sempre que um morto retorna do túmulo".

Momentaneamente só, Alexandre se pôs distraidamente a passear os olhos pela decoração do solar.

"Grande sujeito o Artur", pensou, "tem uma família numerosa, pais carinhosos e dedicados, bem relacionado, muito bem posto pelas coisas boas e belas da matéria e do espírito".

Há muito que se ouvia falar das obras daquela gente em prol dos necessitados das redondezas.

Haviam feito um grande trabalho.

Escolas, casas e terras para os súditos trabalharem em sociedade, além do que funcionava nas dependências de um velho mosteiro abandonado um grande hospital, construído e mantido graças à generosidade do velho conde.

Quantos artistas haviam sido ajudados, pensou, o que podia ser visto testemunhado pelas várias obras de arte dependuradas por toda a parte, nas salas, corredores, jardins.

Ouviu um ruído e voltou-se para cumprimentar os donos da casa, quando de repente gelou-lhe o sangue.

Ao contemplar o rosto sereno de graciosa donzela, não conseguiu disfarçar.

Sentiu o chão fugir-lhe aos pés e tudo escureceu.

Acordou horas depois em um dos quartos do palácio, com Artur à cabeceira e aquela visão em pé ao seu lado.

"É incrível", pensou, "é ela. E ela mesmo sem sombra de dúvida. Como pode ser possível? A moça do sonho definitivamente se parece muito com ela".

"Está melhor?"

"Espero que minha esposa e eu não estejamos parecendo fantasmas", disse Artur, "pois você olhou para nós e desmaiou".

"E apenas um mal estar passageiro", conseguiu dizer Alexandre, "coisas de guerra, a gente nunca sabe quando vai acontecer".

"É verdade", emendou Artur, "é melhor que descanse um pouco".

"Não é preciso. Já me sinto melhor, além disso devo estar de volta ao anoitecer, pois espero visitas, amigos de longe, que também desejam testemunhar minha "ressurreição".

De nada adiantaram as rogativas para que ficasse, pois Alexandre queria, precisava desesperadamente sair dali, era vital.

"Aquela mulher", pensou, "logo ela. Era tudo o que não precisava me acontecer. Morro por dentro". Corria solta a festa majestosa.

Havia alguém, contudo, que não mais faria parte daquilo tudo.

"Mãe, viu Ariadne por aí? Ela disse que ia ao quarto por um instante e desde então não consigo encontrá-la".

"Não", respondeu a senhora, "a última vez que a vi ela estava em companhia de Alexandre nos jardins".

Aos poucos, de pergunta em pergunta, foi-se formando grande interesse pelo paradeiro da jovem senhora.

"Vamos formar grupos e procurá-la pela propriedade", sugeriu um dos presentes, "não pode ter ido longe".

3(C3fC2|C2|C2fC

"Tive de fazê-lo, não havia outra solução. Somente assim poderia acalmar quem me persegue". Alexandre delirava em seu refugio.

"Ela quis reagir, não quis ser minha, olhou para mim como se fosse um mero laçao qualquer, um animal. Por isso tive de fazê-lo. Agora ela sabe. Ela sabe quem sou".

Ao longe, formava-se pouco a pouco grande alarido e Alexandre sabia porque.

Agora deveriam iniciar a busca.

Formou-se grande algazarra no plano espiritual, em caóticas danças de um frenesi satânico, olhares de fogo, risos sarcásticos.

"É nosso", comemorava o que parecia ser o chefe, "logo o pegaremos, finalmente a vingança é nossa".

"Meu Deus, tenho de fugir. Não deixarei que me peguem. Ela é minha. Me pertence para sempre". Alexandre sentiu um vento gelado perpassar-lhe o rosto, como nunca antes havia sentido.

"Que risos são esses? Sonho acordado? Oh, meu Deus! Ariadne? Me perseguem ainda".

Muitos rostos, de toda parte, inchados, olhos vermelhos, o mesmo sorriso de vitória nos lábios, imprecções. Um rosto jovem de mulher com os olhos suplicantes. "É ela". Muito sangue, medo, medo.

Correu, e correu muito, e quanto mais corria parecia que se multiplicavam os que o perseguiam, cães, cada vez maior a algazarra feita pelos perseguidores.

"Corra", gritavam, "pode correr à vontade. Nada poderá salvá-lo de nossas mãos agora".

Aproximavam-se rapidamente os grupos de busca, latidos, muitas vozes, precisava fugir.

"O que disse o diretor do hospital?"

"Foi mais uma das crises", respondeu o jovem, "talvez mais aguda que as outras. Um descuido na vigilância e pronto".

O avião rolava na pista, turbinas despejando potência na decolagem.

Lá fora as luzes passavam cada vez mais rápido.

"Acharam-no embaixo de uma árvore. Coitado como deve ter sofrido".

"É intrigante a maneira como tudo começou", disse a jovem. "Parece até que havia alguma relação conosco. Toda vez que íamos visitá-lo no hospital ocorria uma recaída".

"Meu irmão nunca foi violento ou perturbado. De uns anos para cá é que a doença se manifestou".
Decolou.

Na grande metrópole do Rio de Janeiro, o diretor do hospital teria longas e certamente lógicas razões para explicar os fatos ao jovem casal.

A verdade, no entanto, é filha dos tempos.

A PALAVRA SAGRADA

Alto! Quem vem lá?"

- "Um homem trazendo suas feridas ainda abertas, em busca da pureza da alma, que roga sua benevolência e permita a continuação da sua caminhada. Preciso disso para me salvar. Meu Mestre me disse que esta porta dá acesso ao caminho que preciso percorrer."

- "Então pode passar, mas que se submeta ao desafio do fogo."

O Guardião do templo abriu os portais e franqueou a passagem ao soldado que partia em busca da verdade.

Veze sem conta havia batido ali sem sucesso, mas somente agora atenderam suas súplicas.

O corredor escuro, calor sufocante, descia em círculos por vezes sem conta e, armado com o escudo do silêncio, iniciou a descida o peregrino em profunda meditação.

Ninguém melhor do que ele para dizer dos perigos do fogo. A mesma natureza dual de tudo no universo, faz com que exista o fogo que dá a vida e o fogo que mata, o fogo do amor e o fogo do ódio, o fogo temperado do olhar manso dos profetas e o fogo beligerante e inquieto do olhar do conquistador.

É verdade. Há muito de fogo em nossa vida e às vezes nos queimamos e às vezes nos aquecemos.

Morremos nas areias dos desertos, mas lá também existem várias espécies que do calor dependem para continuar em sua tarefa evolutiva.

O fogo utilizamos para moldar o cálice que leva o vinho da amizade aos lábios de uma humanidade já cansada de guerras. No entanto, também é com o fogo que aprendemos a forjar as espadas que nos alimentam a ignorância, que também é fogo afinal.

Em cada degrau do caminho escuro uma vontade, um desafio a ser vencido, descendo sempre, cada vez mais profundamente no castelo das vaidades perdidas. E lá que mora o Senhor do fogo e somente ele possui a palavra mágica que pode nos libertar.

Parecia que, a cada curva vencida, tornava-se mais intensa a claridade, antes ausente, tomando cada vez mais visível os contornos do caminho.

Pouco a pouco, o caminhante começou a vislumbrar algumas coisas até então ocultas pelas sombras. Por toda a extensão das paredes, o teto, o chão, pôde identificar estranhos tipos de caracteres, ideogramas e, um pouco mais adiante, conseguiu identificar mais claramente o que eram. Desenhos, rostos desfigurados pela dor em caretas horrendas de sofrimento, por toda a extensão da trilha.

Na medida em que prosseguia, o túnel se tornava mais largo, a claridade aumentava, o calor tornava-se mais brando e atenuavam-se os sinais visíveis nas faces incrustadas nas paredes.

O caminho terminava no que parecia ser um salão circular, fortemente iluminado, parando por um instante o peregrino para acostumar seus olhos à luminosidade do local.

No centro do salão um homem. Sentado em um pedestal, visto mais de perto parecia tão velho quanto os mais velhos sonhos da humanidade.

- "O que vinde procurar?"

-“Vim em busca da palavra sagrada, que permita a minha alma se libertar do fogo violento da ignorância e das paixões, e se lançar no fogo criador do universo.”

-“O que trazeis em vossa bagagem? O que vos ensinaram? O que diz vosso Mestre?”

-“Trago o meu patrimônio pessoal, que não é muito, minhas feridas sujas, cauterizadas pelo fogo. Meu Mestre disse que, por esse caminho eu conseguiria atingir a plenitude da alma, e por isso aqui estou em busca da palavra sagrada.”

-“Ah! Então deveis prosseguir na caminhada. Cada um possui uma palavra sagrada especial, que só a si mesmo faz um sentido especial, dita no idioma da alma, única no universo, e a vossa não se encontra aqui.”

-“Pedí ao próximo guardião que vos deixe continuar a percorrer vossos caminhos na busca da palavra sagrada.”

Qual porta procurar afinal, pensou duvidando por um instante, vagueando o olhar por todos os lados do estranho aposento em que se encontrava. Somente após cuidadosa busca conseguiu divisar, quase que invisível e disfarçada na parede, uma pequena porta dourada.

Ao penetrar pela porta, subitamente sentiu-se perdido quando percebeu que não conhecia a senha que lhe permitiria o acesso e a continuação da caminhada.

Quis voltar mas, ao se virar a única coisa que viu foi o corredor escuro às suas costas. À frente o Guardião ameaçador e impassível aguardava já a sua chegada.

-“Alto! Quem vem lá?”

-“Um homem em busca da pureza da alma, que tendo passado pelo desafio do fogo, roga a sua benevolência e permissão para continuar sua caminhada em busca da palavra sagrada.”

-“Se é assim, podeis passar, mas que sejais submetido ao desafio das águas.”

Ao avançar, o soldado começou a andar por uma espécie de corredor sentido alguma coisa diferente em contato na sola dos pés, uma espécie de humidade, que pouco a pouco aumentava e ficava mais fria. Logo percebeu que à medida em que avançava, a humidade transformava-se pouco a pouco em água, e que esta ficava cada vez mais profunda.

Sentiu que esse avanço no caminho trazia-lhe e reavivava recordações antigas, já quase que mortas.

Sentiu-se novamente mergulhando pouco a pouco, como feto novamente, no ventre da mãe, na água da vida.

Como um ser da água, mergulhou em profunda meditação ao mesmo tempo em que avançava, a água já nos tornozelos e subindo.

A água que mata a sede pode também afogar; a água que irriga é a mesma que devasta; a água que limpa pode também trazer lama e sujeira; a água que refrigera pode também ser aquecida e mover máquinas.

Da água tiramos os peixes que nos saciam a fome.

A água pode também combinar de diversas formas as suas moléculas com os vários elementos, produzindo os organismos que a mãezinha Terra necessita para cumprir seu papel de berço da humanidade.

A água nos banha o corpo e nos livra das impurezas e do suor do dia a dia, refrigerando a alma e criando as condições para que possamos nos lançar em meditação e crescer.

Ela está presente em todos os ritos de passagem e cerimônias diversas ao longo de nossa história.

A água chegava já à altura da virilha e continuava subindo na medida em que o homem prosseguia em seu caminho.

Veio à sua mente uma cena na qual aparecia nadando com amigos de outras épocas, brincando nas areias de uma praia e lembrou-se que a água também pode se transformar em lágrimas de alegria como de tristeza, a que comemora e a que lamenta.

Pode ainda, se transformar no vinho que

embriaga e no sangue do mártir sacrificado injustamente; no veneno que mata e no sôro que salva; na argamassa com que se ligam as nossas obras, estreitando nossos laços com o sucesso.

Com o nível da água na altura do queixo, o soldado hesitou por um instante.

-“E agora? O que vai acontecer? Devo parar? Se prosseguir, o nível vai subir mais e não vou conseguir respirar. Vou morrer?”

-“Mas o que é a morte afinal? Talvez eu necessite deixar aqui o meu corpo para poder prosseguir. Voltar à origem, deixando que minhas moléculas se decomponham e retornem à sua forma primitiva, liberando seus átomos para compor uma nova sinfonia mais perfeita.”

-“E preciso ter fé.”

-“Estou voltando, me torno água novamente, retorno à pureza original. Sinto meu corpo se desagregando à medida em que continuo a caminhar.”

Embaixo dos pés, o lodo escorregadio.

Por cima a escuridão quase completa e o silêncio, atestavam a ausência de espectadores para aquele silencioso ato, executado solitariamente pela alma de um bravo.

-“É o fim.”

De repente, percebeu que o nível da água começava a baixar na medida em que continuava a andar.

-“Sinto-me nascer novamente. Tudo se junta e me dá um novo corpo mais limpo, mais leve, mais solto, com mais vida. Saio do ventre materno mais uma vez... que frio!”

Pouco a pouco a claridade começa a ficar mais intensa, revelando uma tonalidade azulada no ambiente.

Apurando um pouco mais a visão, notou o peregrino que de si desprendia-se também uma espécie de claridade iridescente e passou a experimentar uma sensação estranha e completa de fazer parte de tudo.

Um pouco mais adiante, notou sentada sobre uma pedra uma criatura parecida a uma sereia, usando brilhante colar no pescoço, do qual pendia algo como uma chave.

-“O que desejais, peregrino?”

-“Desejo encontrar alguém que possa ajudar a encontrar minha palavra sagrada. Preciso dela para alcançar a paz verdadeira.”

-“Se procurais a palavra sagrada, deveis primeiro dizer o que trazeis na bagagem e o que vos ensinaram. O que diz vosso Mestre?”

-“Trago rainhas feridas, cauterizadas pelo fogo e limpas pela água. Meu Mestre me disse que este caminho leva à plenitude da alma e, portanto, sigo adiante à procura da verdade.”

-“Vosso Mestre tinha razão. Por isso, tomai esta chave e prossigais, passando pelos portais que dão acesso aos caminhos do ar. É por ali que encontrareis a palavra que procurais.”

Dizendo isso, tirou do pescoço a corrente e entregou a chave ao caminhante, indicando com a mão esquerda uma porta ricamente trabalhada à sua direita.

Por ali adentrou o soldado, encontrando um recinto mais escuro ainda, cujo piso, sentia, era composto por degraus muito juntos, recomeçando então o seu trajeto.

A medida em que descia, agora praticamente às cegas e sem nenhuma orientação, notou não haver paredes nas quais pudesse se apoiar, além do que percebeu que o tamanho e a altura dos degraus aumentava pouco a pouco.

Quanto ao tamanho dos degraus, notou ainda que estes aumentavam na mesma proporção em que aumentava a força do vento.

Após algum tempo, o viajante começou a sentir medo de ser levado, tal a força da ventania. O barulho que fazia ao passar pelas frestas dos degraus já gastos, o choque quase que inteiramente físico em seu corpo, sentia já a pele do rosto esticando com as rajadas impiedosas, teve de inclinar cada vez mais para poder continuar.

Em dado instante, seus pés esbarraram em uma coluna solitária situada à beira de um dos

degraus. Mas será que era mesmo um degrau? Será que não era o fim do caminho e ali um abismo? Procurou sentir a superfície do próximo degrau com as pernas e não conseguiu.

Deveria prosseguir? Se fosse ali o fim do caminho, estaria seguindo para a morte certa no precipício.

Na mais completa escuridão resolveu então se sentar na borda daquilo que julgava fosse o precipício e encostou-se na coluna, para se proteger das rajadas de vento cada vez mais fortes e poder pensar um pouco sobre o que fazer. Seu corpo havia feito um esforço muito grande para vencer a distância até ali.

Recuperando aos poucos sua calma interior, começou a analisar a situação, procurando encontrar a razão oculta por detrás daquela etapa.

Seria ali o fim de tudo? Para onde seguir?

O vento continuava a desenhar contornos diferentes em sua face, percorrendo nervosamente suas vestes já bastante castigadas, rugindo em torno da coluna, sua única e tênue proteção.

O mesmo vento que carrega as nuvens para que possam irrigar as colheitas, parecia agora querer castigar sua ousadia em enfrentá-lo.

O vento que carrega para longe as sementes, ajudando a espalhar o trabalho da natureza por sobre a terra, é o mesmo que acaba por espalhar nossas cinzas quando ao pó retornamos, após cada jornada na existência material.

O vento, formado pelo ar, que carrega os sons emitidos, o choro da criança, os gritos de desespero, de júbilo, as palavras de esperança, os lamentos do infortúnio.

O oxigênio que alimenta a vida, que dareia os pensamentos, que se combina para produção do milagre da criação.

O mesmo vento que alimenta as labaredas <h paixão atenua também, quando brisa fresca, os rigocss do verão.

Refrigera e lava a alma, impulsionando ~~RESSSS~~ asas para cima, nos levando a vãos mais elevados, RUÍIS perto da morada do Criador.

Aquele vento impulsionador das velas dos navios dos descobridores, colaborou também para espalhar o progresso e o conhecimento entre os povos.

Novamente a natureza dual do universo. O que traz a miséria traz também o progresso.

-"Devo voltar?"

Tateando no escuro, explorando as curvas e voltas da coluna, descobriu esculpido na pedra de descida alguns degraus menores. Firmando-se como podia, desceu vagarosamente um a um e atingiu um patamar mais abaixo de onde estava.

Neste momento, cessou o vento e todo o ruído como que por encanto. Apareceu então, um pequeno ponto de luz no que parecia ser o centro do local, onde julgou divisar alguém ajoelhado em atitude de oração.

Ao aproximar-se um pouco mais, notou que a pessoa levantava a cabeça fitando-o fixamente como que convidando-o a expor sua questão.

-"O que vinde fazer aqui?"

A pessoa de fisionomia tranquila e sorriso calmo transpirava confiança e a certeza de que estava afinal, no caminho certo.

Vestindo-se à moda dos sacerdotes orientais, cobria-lhe o corpo um manto amarelo, dando-lhe uma aparência ainda mais venerável. Os olhos vivos e brilhantes brincavam com os seus e pareciam querer injetar energia diretamente em sua alma e, neste instante, a alma do soldado se alegrou.

-"Venho à procura da palavra sagrada, pois preciso dela para ter acesso aos caminhos da liberdade espiritual."

-"Viestes ao lugar certo. Antes porém, dizei-me o que trazeis na bagagem e o que vos ensinaram. O que diz vosso Mestre?"

-“Trago minhas feridas cauterizadas pelo fogo, limpas pela água e abençoadas pelo ar. Através delas consegui chegar até aqui. Meu Mestre me disse que este é o caminho a ser trilhado pelas almas que desejam atingir a sabedoria e a liberdade plena. Isto faz com que eu persista à procura da verdade.”

-“Vosso Mestre possui a chave da verdade. Uma vez que passastes pelos caminhos do caldeamento pelo fogo, da purificação pela água e das bênçãos trazidas pelo vento, tomai esta chave e prossigais, de modo a frutificar isso tudo que nasceu em vós, através dos caminhos da terra.”

O peregrino tomou da chave e, dirigindo-se à uma porta simples, de madeira, abriu-a e se sentiu impulsionado a um caminho simples, semelhante a uma trilha comum em densa floresta.

Soprava uma brisa fresca por entre as folhagens e a temperatura bastante agradável foi como que o incentivo final ao prosseguimento da jornada.

Aos poucos, caminhando e seguindo a trilha, começou a perceber as razões ocultas daquilo tudo. Havia várias espécies desconhecidas de árvore, mas formosas, altas e de folhagem abundante. Algumas delas frutíferas, vários arbustos pequenos ao redor, como que a formar comitivas em torno dos colossos verdes da floresta.

-“De onde veio isso tudo?”, pensou.

O derradeiro campo de batalha, a sementeira final de onde brota a vida, a terra, cuja generosidade não tem limites.

Continuando, observou que apesar da aparente desordem, tudo seguia oculta e misteriosa disposição, traduzindo perfeita harmonia.

A terra que nos dá a vida e nos acolhe na morte, onde semeamos e obtemos as nossas colheitas.

A terra que se transforma no cadinho onde forjamos as nossas armas de conquista do universo.

O berço onde correm os rios e se materializa a obra divina, onde habitam os seres resultantes do hálito do Criador.

A terra por onde foge o covarde também é a terra por onde passam os heróis, por onde marcham os soldados em busca de efêmeras glórias, por onde passam os humildes carregando suas pesadas cruzes.

Terra que realiza continuamente o milagre de utilizar todas as leis físicas do universo para fazer brotar uma simples semente.

Começou a se sentir diferente, parte de tudo. De repente sentiu o fogo da criação começar a arder dentro de si e experimentou uma vontade imensa de criar.

Sentiu a água que lava e purifica em sua alma e experimentou uma vontade imensa de lavar e purificar.

Prosseguia mais ainda na caminhada.

Sentiu em si o vento que espalha o progresso e a vida e experimentou então, uma vontade imensa de espalhar a semente da vida por todos os lugares.

-“Como ser capaz de fazer com que tudo isso possa acontecer?”

Neste momento, sentiu sob a sola dos pés o contato com a terra do chão e entendeu tudo. Encontrou afinal a sua palavra sagrada.

De repente, num instante infinito, as coisas passaram a fazer sentido.

Sentiu uma vontade imensa de frutificar e transformar a idéia da vida em realidade.

Sentiu vontade de receber a água da chuva, o calor do sol e as sementes trazidas pelo vento.

Naquele instante, começou a expandir a consciência até se tornar tudo, as árvores, a terra, as criaturas, a água, o vento e o fogo.

“Saúdemos a chegada de mais um irmão.”

E rejubilou-se todo o universo pelo nascimento de mais uma sementeira da vida, cuja palavra sagrada é AMOR.

8 COISAS DA VIDA

A folha desprendida revolteou no ar tocada pelo vento, como se fosse um balé coreografado e conduzido por mãos invisíveis, baixando ao solo lentamente, pausadamente, cumprindo assim mais uma etapa dentro do contexto harmônico do Todo.

Quantas leis físicas e biológicas foram necessárias para que tal acontecimento fosse possível, para determinação dos parceiros deste balé aparentemente insignificante, mas fundamental.

Tudo que nos cerca é de fundamental importância, parte de uma cadeia sem fim de coisas e acontecimentos que formam nosso mundo da matéria, valioso campo de provas dentro do qual forjamos nossas armas com a têmpera da experiência pessoal e construímos nossas estradas através das escolhas que fazemos.

A Sabedoria implícita e o perfume de vida que existe na arquitetura das coisas, reside e resulta de um longo processo contínuo de aprendizado, pelo qual tudo e todos tem de passar, que não iniciou hoje e não terminará amanhã, ao longo do qual aprendemos a ver com outros olhos, a perceber mais além, a ouvir o que não é dito, a linguagem universal do espírito, mais ou menos perto do amor fraternal que o homem tem a capacidade de sentir, construtivo e edificante.

Em resumo, é o aprendizado desenvolvido na grande academia cósmica oculta dentro de cada um de nós, onde nos desenvolvemos na arte paradoxal de fazer parte do todo sem perder nossa individualidade.

A Força, resultante da firmeza de propósitos que gera a disposição das coisas, reside e se apoia nas colunas de nossos pensamentos, palavras e sobretudo obras, as quais sustentam e dão estabilidade ao edifício que vamos construindo.

Os nossos valores e conquistas serão cada vez mais sólidos, na medida da qualidade de suas bases, de modo que nossa tarefa de edificação interior deve ser conduzida através da escolha e emprego adequado de bons materiais, sedimentando tudo com a argamassa mais forte que existe, o esforço pessoal e o exemplo edificante.

A Harmonia é a luz produzida pela qualidade das vibrações que se instalam dentro de nós em função do caminho que escolhemos. É a definitiva ponte que se instala unindo o visível ao invisível, o macrocosmo ao microcosmo, unindo nosso espírito dolorido das batalhas terrenas às verdades universais, pouco a pouco despertas e retiradas da letargia em que repousavam.

Aqueles que conseguem vencer as ondas do mar da ignorância, na realidade acabam descobrindo muito mais do que um continente, muito mais que uma nova terra, na realidade todo um novo universo desconhecido se abre a cada passo dado, revelando cada vez mais estradas e mistérios, pedindo para ser decifrados, cantando qual sereias aos ouvidos sedentos de aventuras do explorador.

Pobre daquele que, sentindo na face o hálito da sereia a rejeita, preferindo ao invés da ação o imobilismo, justificado por postulados transitórios, centrado na enorme pequenez da matéria, pois uma oportunidade perdida é uma oportunidade perdida e nunca mais.

A Física, através de seus postulados, nos ensina que o atrito dinâmico é muito menor do que o atrito estático, o que significa dizer que é preciso um esforço muito menor para manter um corpo em movimento do que para tirá-lo do repouso.

No entanto, é vital que ocorra o tal primeiro esforço, caso contrário nenhum movimento, nada acontece.

Outro postulado nos ensina que após determinado período dentro de um ciclo, as coisas passam a acontecer independente de haver ou não esforço dirigido, passando a ocorrer por si mesmo, liberando energia e sem necessitar de auxílio externo.

Essas são algumas das chaves que viemos buscar aqui, a chave do movimento e a da melhoria contínua, que podem nos conduzir aos caminhos que levam à consciência cósmica.

A partir de um mínimo de massa crítica que se vai formando, tudo vai se modificando e passa a

fazer novo sentido, novos horizontes são pouco a pouco visualizados, novos potenciais vão sendo descobertos, inaugurando uma nova era a caminho do homem total.

Nosso espírito se espalha e caminha então, para se tornar presente em todos os recantos do universo.

Na medida em que caminhamos passamos a nos sentir cada vez mais parte do Todo e o sentimos pulsando radiante, criando novas vidas e novos universos ao nosso redor e dentro de nós, através de nós e junto conosco.

São as asas que hoje nos faltam e que nos trazem tantas saudades quando olhamos à noite para o céu, **que vão possibilitar nosso definitivo vôo em direção a pátria universal, rumo a compreensão do também fundamental enigma da grandiosa obra de Deus.**

9 ESTEIA

Há muito tempo, em um antigo reino, quando da alvorada do entendimento humano, habitava singela morada um humilde camponês, José, calejado pelo trabalho diário incessante sob o sol dos campos. Habitava com ele augusta figura de mulher, razão maior da luz de seus dias, anjo caído do céu, como que para buscar e levar consigo alguma coisa na trilha esquecida.

Para Esteia tudo era bom, alma de elevada estatura espiritual, tudo era aprendizado. Era uma das poucas pessoas que aprendem com o sucesso e o insucesso. Muito estimada na região, não foram poucas as vezes em que correu pressurosa à casa de um e de outro, contribuindo com a sua temperança e firmeza de caráter para solucionar conflitos e promover o entendimento fraternal.

A vida transcorria em paz e harmonia para José quando um dia, ao iniciar com os demais camponeses mais uma jornada de trabalho, deixou Esteia a cultivar pequena horta à margem da estrada Real.

Um fato importante aconteceu.

Ia José adiantado uma centena de metros quando forte alarido se fez ouvir.

Notou que era próximo de sua casa, que se juntavam várias pessoas para ver algo que ali havia sucedido.

Voltou para junto dos demais companheiros, pois novidade ali era difícil de ocorrer, e ao se aproximar foi também aumentando a sua inquietação. Ilustre e influente funcionário real trafegava pela estrada em veloz carruagem, e quis o destino que uma depressão no terreno se encarregasse de fazer o resto.

Reinava consternação entre os presentes e cada vez maior era a inquietação de José. Divisava uma carruagem tombada, muitas pessoas, um elemento ricamente vestido em altos brados, mas... não via Esteia.

Atingiu o auge da aflição quando, ao chegar no local, notou que por terra jazia Esteia seriamente atingida.

Foi suavemente retirada do local e depositada em local confortável, arrumado às pressas.

Como fazer, pensava José, o desespero a invadir o seu universo interior, como as águas do mar revoltas a **castigar a frágil embarcação de si mesmo. Haveria de existir uma maneira qualquer de remediar a situação. Esteia haveria de viver, de sorrir novamente, de marcar os caminhos da paz, harmonia e da concórdia com seu sorriso singelo.**

Ao se aproximar, porém, do rico ocupante do veículo sinistrado, foi por este medido de alto a baixo, após o que dirigiu-se aos seus:

-“Ora, vamos embora. Era apenas uma camponesa mesmo.”

Dito isto, foi-se rapidamente com sua “entourage”, deixando apenas um cartão com seu nome e posição na Corte, solicitando a José que o procurasse para eventuais providências.

Grande estupor dos presentes.

Para o mandatário nada aconteceu. Era apenas uma camponesa, mais um número nas contas reais, apenas um detalhe imperceptível que se confundia na infinita paisagem do reino, mais uma sombra na calçada.

Esteia, no entanto, não morreu. Permaneceu viva, com os seus movimentos truncados, presa a uma cama pelo resto de seus dias.

José desvelou-se em cuidados e acompanhou o calvário de seu ideal com redobrada e amorosa atenção. Era o seu mundo e o de Esteia que vivia.

Repete-se nos dias atuais o drama de José, que somos nós, elementos do povo que temos de suportar diariamente a agressão e mutilação de nossa consciência e nossos ideais de liberdade que é Esteia, abafando no peito nossos maiores anseios de felicidade, progresso e de justiça.

Hoje em dia, trafegam em alta velocidade uma infinidade de políticos e homens da Corte, sem compromisso algum com os ideais de José e Esteia.

Nós do povo moramos todos nas curvas da estrada da vida, junto às quais cultivamos a horta de nossos anseios, lançando sob o sol da matéria as sementes sagradas de nossos compromissos, e nesta hora a nossa sementeira deve ser feita com critério, para que a escolha dos caminhos que iremos trilhar seja feita com justiça e perfeição.

Somos todos os personagens de uma mesma história, na qual alguns caminhos nos levam ao comando da carruagem do poder, nos proporcionando oportunidade de lutar para que Esteia não morra, possa se recuperar e frutificar no coração de todos.

É essencial, no entanto, que tenhamos nos olhos o fogo sagrado da paixão e do firme compromisso com Esteia. É fundamental a paixão por Esteia.

Devemos ter ainda nos braços, a energia necessária para fazer com que nossos ideais se transformem em verdades concretas, sedimentando para sempre os postulados de nossa doutrina imortal.

É necessário ainda, que tenhamos no espírito a luz que seja resultado de nossa pureza de objetivos, para que se tornem claros, iluminados e luminosos os nossos caminhos, hoje envoltos na obscuridade dos interesses escusos e mesquinhos, reinando na impunidade transitória dos domínios das sombras e na truculência dos poderosos.

Não devemos permitir que se apague em nossos corações a semente da paixão que sentimos por Esteia, nossa mãe, irmã, amante, nossa vida, a liberdade.

10 O CONTADOR DE ESTÓRIAS

Era uma vez um contador de histórias.

Bem longe no tempo, antes de nossa Sociedade adquirir os contornos atuais de caos organizado, antes de se pensar sequer nos mecanismos e artefatos diversos que hoje observamos a nos levar daqui pra lá, a nos trazer mensagens de longe no mesmo instante, a fazer quase tudo por nós.

Falo de um tempo e lugar onde o meio de transporte eram os próprios pés, quando a comunicação de "massa" era feita boca a boca, quando sonhar era a principal diversão e exercício de todos.

Ao redor da fogueira à noite, a expressão e a figura do contador de histórias adquiria, para nós meninos, dimensões enormes e fantasmagóricas.

Seus gestos estudados transportavam a todos, como por encanto, de uma região a outra do planeta, avançava e retrocedia no tempo, fazia rir e chorar.

Podia-se observar os diversos pares de olhos arregalados, infantis em sua maioria, como duas moedas de ouro refletindo o amarelo dançante do fogo, assustados, admirados, impressionados.

Cada barulho da floresta, um estalar de graveto, transformava-se em pisadas de monstros enormes e ameaçadores.

Cada lufada repentina de vento como que trazia I nossa pele as súplicas e sofrimentos de almas

penadas, condenadas de alguma maneira a viver vagando sem rumo pelo universo.

Atrás de cada moita, de cada árvore, nossa imaginação infantil fazia com que às vezes divisássemos pares de olhos à espreita, furtivos, como a esperar que dormíssemos para nos pegar.

Os pequenos animais e insetos, às vezes nos pareciam ursos enormes e ameaçadores.

Sua sombra projetada nas paredes parecia ter vida própria independente, o que nos enchia a alma de sentimentos angustiosos.

Com suas vestes voando ao vento transformava-se ele em herói, sempre a nos livrar das situações em que nos colocava.

Ao avivar a fogueira, parecia que as fagulhas que subiam grudavam no alto do céu e viravam estrelas.

O clímax vinha sempre acompanhado das mais impressionantes demonstrações de expressão corporal e verbal. Com palavras e gestos estudados, ele como que vivia a trama, matava e morria, chorava e ria, deixando sempre ao final um sentimento gostoso, um calorzinho no coração e uma nítida impressão, não explicável cartesianamente, de fazer parte de alguma coisa muito maior.

Era assim que se forjavam nossos heróis, em uma época em que as pessoas sabiam sonhar.

Olhávamos para o alto e, ao invés de corpos celestes, víamos as figuras de deuses, seres magníficos a nos proteger ou nos ameaçar com seus formidáveis poderes, víamos seus olhos e os olhos de nossos heróis protetores.

-"Éééééééééé...? E depois?"

Era sempre a mesma pergunta quando de uma situação mais delicada.

Ao nos despedirmos todos para dormir, chegávamos em nosso canto e ficávamos um longo tempo com um olho aberto e outro fechado, cismarentos e desconfiados.

Sonhávamos ainda, demorávamos muito mais tempo para retornar à Terra.

Era assim o contador de estórias, que hoje deve estar em algum lugar entre a Ursa Maior e as Três Marias, quem sabe explorando as regiões mais remotas do Cruzeiro do Sul, para vir depois nos contar as fantásticas aventuras e as criaturas que viu por lá.

Quem sabe até explorando o centro do universo, tentando entender a sua lógica, na busca das respostas às perguntas que ainda nem formulamos, ou mesmo buscando as perguntas que justifiquem as respostas que damos.

Pode estar ainda em animada palestra com o Criador do Universo, com nossos deuses e heróis perdidos.

Pode estar também, em algum outro tempo, em uma outra terra, contando estórias de algum lugar estranho, onde as florestas não são de madeira, onde os pássaros levam as pessoas para passear, onde muito pouca gente tem tempo para ouvir estórias.

No entanto, na lembrança dos tempos passados, se encontra a figura do contador de estórias e a lembrança de alguma coisa que se perdeu na juventude da alma, na saudade imensa de uma época em que eu sabia sonhar.

Deito um pouco mais de lenha na fogueira e olho para o céu noturno, tentando escutar os ecos do que se fala por lá, quem sabe tentando escutar os deuses falarem, ouvindo ainda a expectativa surda de minha alma esperando pela próxima estória.

11 EU, VOCÊ E AS ESTRELAS

Era uma vez... milhões e milhões de estrelas no céu.

Haviam estrelas de todas as cores: brancas, lilases, prateadas, douradas, vermelhas e azuis.

Um dia, elas procuraram o Senhor, Todo-Poderoso, o Senhor Deus do universo, e disseram-lhe: "Senhor Deus, gostaríamos de viver na Terra entre os homens".

"Assim será feito", respondeu Ele, "conservarei todas vocês pequeninas como são vistas. Podem

descer à Terra".

Conta-se que naquela noite houve uma linda chuva de estrelas. Algumas se aninharam nas torres das igrejas, outras foram brincar e correr com os vagalumes no campo, outras se misturaram aos brinquedos das crianças, e a Terra ficou maravilhosamente iluminada.

Porém, passado algum tempo, as estrelas resolveram abandonar os homens e voltar ao céu. Deixaram a Terra novamente escura e triste.

"Porque estão de volta?", pergunta Deus, na medida em que elas chegavam ao céu.

"Senhor, não foi possível permanecer na Terra. Lá existe muita miséria, muita desgraça, muita fome, muita violência, muita guerra, muita maldade e muita doença".

E o Senhor disse: "Claro, o lugar real de vocês é aqui no céu. A Terra é o lugar do transitório, daquilo que passa, do ruim, daquele que cai, daquele que erra, daquele que morre, e onde nada é perfeito. Aqui no céu é o lugar da perfeição. O lugar onde tudo é harmonia, onde nada perece, onde tudo é eterno".

Depois de chegarem todas as estrelas, e conferido o seu número, Deus falou de novo: "Mas está faltando uma estrela. Perdeu-se pelo caminho?"

Um anjo que estava por perto retrucou: "Não Senhor, uma estrela resolveu ficar entre os homens, ela descobriu que o seu lugar é exatamente onde existe a imperfeição, onde há limites, onde as coisas não vão bem".

"Mas que estrela é essa?", voltou Deus a perguntar.

"Por coincidência, era a única estrela dessa cor".

"E qual é a cor dessa estrela?", insistiu Deus.

E o anjo disse: "A estrela é verde Senhor. A estrela verde da esperança".

Deus já conhece o futuro, e a esperança é própria da natureza humana, própria daquele que cai, daquele que erra, daquele que não é perfeito, daquele que ainda não sabe o que está por vir.

Quando então olharam para a Terra, a estrela já não estava só. A Terra estava novamente iluminada, e havia uma estrela verde no coração de cada pessoa.

12 UMA ESTÓRIA SEM FIM

Aconteceu numa fração de segundo, mas foi o bastante,

Foi o suficiente para que eu entendesse tudo. Instantaneamente, como se de repente vários mundos diferentes convergissem para um mesmo ponto,

Esmagando debaixo de bilhões de toneladas de realidade e sentido universal, de lógica material.

Minha presunçosa miligrama Estava tudo ali e eu senti, naquele eterno instante onde se abriu a janela do tempo e eu vi... e entrei.

Quantas vezes senti acontecer, pensei,

Sofrendo a grande angústia do não sei, Falando sem sentido ao coração.

Trazer na alma o beijo que mandei, Tangenciando o sempre eu te encontrei,

Matar no peito mudo o meu querer, Purificando a luz dos olhos meus,

Alimentando a chama do meu ser,

Junto ao teu olhar azul olhei, chamei,

Por todos os meus deuses e os teus, jurei,

Sojrer de amor um sonho sem perdão.

Foi diferente quando olhei e mergulhei loucamente no oceano dos teus olhos.

Estranhamente familiar, tão esperada, a tua linda presença a me lembrar de coisas esquecidas em meus registros cósmicos de tanto tempo.

Quantas vezes já aconteceu ao longo da eternidade, quantas vezes eu já te reconheci. Eu sabia.

Foi o fecho de um caminho percorrido, a chegada ao local do encontro.

Foi o término da busca silenciosa do meu coração de jovem, iniciando ali a parte mais importante

da jornada.

Às vezes, na vida das pessoas ocorrem determinadas passagens que despertam um sentimento de "dèja-vu", "já passei por aqui" ou "eu sabia".

Ao olhar para trás, "eu sabia" que silenciosamente sempre estive, de alguma maneira, junto de você em seus momentos mais importantes.

Quando dos seus primeiros passos e seu primeiro tombo, as lágrimas de frustração lhe vieram aos olhos.

A sua primeira (e muda) companhia feita de pano, com os olhos esbugalhados, tão gostosa de apertar, quantas verdades vocês duas trocaram entre si.

A solidão do primeiro dia na escola, a primeira fuga, o chinelo certo de seu pai, as mãos macias e cúmplices de sua mãe.

A chuva correndo solta lá fora, dois olhos azuis assustados embaixo das cobertas, faíscas descendo bruscamente à terra lançadas por poderosas mãos invisíveis.

Aquele misto de medo e orgulho ao mesmo tempo, despertando a linda figura de mulher adormecida no meio de milhões de estrelas.

O seu primeiro beijo, a emoção que sentiu.

O derradeiro olhar lançado à sua boneca, triste, deixada para sempre num canto, fiel amiga, jurando eterno segredo de seus mistérios de menina.

Corremos juntos das grandes feras rumo à nossa caverna, combatendo pela vida na superfície de uma terra dura e jovem, no início de uma trilha promissora.

Lutamos juntos na idade média, fugindo das perseguições francesas aos huguenotes.

Estivemos juntos no Oriente, onde nasce o sol, viajamos por terras estranhas em busca de novas oportunidades.

Cruzamos o oceano e viemos para uma nova terra, doce e tranqüila, sem guerras, sem perseguições, para novamente nos encontrarmos livres no universo, em mais uma etapa de nossa jornada infinita.

Nas vezes em que não viemos juntos, fui seu anjo da guarda, participei de suas derrotas e choramos juntos, participei de suas vitórias e nos alegramos juntos.

Ainda mais, vejo uma linda mulher do futuro a me esperar numa galáxia distante, para juntos continuarmos a escrever nossa história, nosso eterno instante de amor.

Vejo nossos amigos de sempre, nossas companhias queridas de luz, iluminando nossas almas e nossos caminhos pela eternidade.

Essa é uma parte de nossa história, que não acaba, nossa sinfonia pessoal, escrita na partitura da vida a dois, cantada com a voz de amor do coração.

13 GOTAS DA ALMA

Olho pela janela e vejo uma floresta diferente, galhos de ferro e cabos de aço, cujo fruto é a energia que move coisas.

Cai uma gota solitária do céu sobre a janela, depois outra, e mais outra, começa o bailado da água que desce em silenciosa sinfonia, obra de sublime compositor.

Às vezes acho-me tolo o bastante para acreditar no que vejo e perco a capacidade de interpretar com a alma os sinais da verdadeira vida.

De repente, milhares de amigos vem contar coisas aos meus ouvidos.

Isto tudo aqui um dia estava cheio de água, e a humanidade ainda nem sonhava em existir. No entanto já chovia, e as gotas dançavam em letra e música exatamente a mesma canção.

Certa vez, um índio passou por aqui, olhou para os céus e suspirando disse:

"O mae lua, como és boa para mim, pois trazes felicidade e alegria ao peito, paz e harmonia ao meu

povo, e ilumina com respeito e torna belo o sono de meus amores."

Houve um tempo em que Bandeirantes por aqui passaram e fizeram pousada, descansando os corpos doloridos da caminhada aventureira, escutando a valsa suave dos ventos e o cantar dos pássaros, a refazer as desgastadas baterias para novas jornadas.

Quantos escravos, filhos da velha África, por aqui passaram, vindos do porto de São Vicente, em direção às fazendas do interior da capitania, arrastando atrás de si pesadas correntes e fragmentos de sonhos de liberdade despedaçados.

Se a Terra falasse, quantas histórias contaria.

Foram também conduzidos por aqui prisioneiros da lei dos homens, manietados à própria sorte e, desta vez, o que a lua ouviu não foram poemas doces mas amargos lamentos.

Passaram por aqui também, as levas de imigrantes do velho mundo, cansados de velhas mentiras, em busca de uma nova verdade, com o brilho da coragem aventureira nos olhos e a saudade imensa no coração.

Mãos se ergueram para os céus em súplica e rancor ao mesmo tempo.

Lições foram ensinadas e aprendidas em eternos instantes de desespero e dor.

Correu também por aqui o sangue do herói e do traidor, do mocinho e da donzela, do amor e do ódio, o grito do culpado e do inocente... a vida passou por aqui.

A vida passou, as águas secaram, o índio também passou, se foi a floresta, o Bandeirante, os heróis e os traidores, e aqui estou eu a contemplar as estranhas árvores que restaram.

A chuva continua a cair. Dança ainda sua eterna música em irrepreensível cadência, fruto de milhões de anos de prática e aperfeiçoamento.

De repente percebo que estamos todos a contemplar a insignificante majestade de nossa própria presença, herdeiros presuntivos disso tudo, logo nós que não enxergamos um palmo à frente do nariz.

Somos parte do rochedo que sofre a ação erosiva do mar, pouco a pouco, em contínuo processo de lapidação, ao fim do qual nos desprendemos para compor humildemente com o imenso oceano, em perfeita harmonia.

Somos a gota de chuva que desce e percorre longos e difíceis caminhos, até encontrar seu final grandioso.

A chuva, no entanto, continua sempre e tudo renova sobre a Terra, infinitas vezes em sua eterna sina, como dois amantes que se buscam sem nunca se encontrar.

Mas que imperdoável atrevimento colocar isso tudo aqui.

Uma voz me chama de volta para fora de mim mesmo:

"Ei! Eu sei onde tem um café muito bom."

"Ótimo." Respondo.

"Vamos lá."

Eu também passei.

14 PAIXÃO

Começa a escurecer na grande cidade, pontilhando pouco a pouco de estrelas o universo de suas ruas.

Pela janela sou mais uma vez espectador privilegiado do milagre diário do ciclo da criação.

A viúva Lua pouco a pouco surge no horizonte chorando suas lágrimas prateadas, lamentando a morte do querido Sol, que no entanto ressuscita feliz e forte no dia seguinte, recheando de agonia e de paixão a nossa estória.

Meu hálito quente faz uma pequena mancha de vapor no vidro e pareço sentir, mais uma vez, um toque familiar em meu rosto.

Ainda consigo sentir na alma o gosto e o cheiro inconfundível de você.

Eternamente Sol, eternamente Lua Que acorda e se faz viva toda noite,
Com poder de vida e morte, linda e nua.

Não... não pense,

Senão perde-se a magia, o encanto rei ... Perde-se a lógica una e bela,
Que reside na lei de não ter lei,
Verdade natural, que aqui me traz,
Sem armas, já entregue e sem cautela, Sem regras, condições e nada mais...
Fecha teus olhos e... não pense...
Nada mais...

Sinta a verdade ao teu redor,
Pulsar e habitar todo o teu ser,
O deslocar da alma ao bem maior, Sente, vem comigo e vem viver,
Em direção a um tempo que não veio.

Sinta saudades do futuro,
Pois é lá que eu estou...

Com você...

Esperando por nós dois....

Como ousas adorável intrusa,
Invadir os campos de meu coração,
De pedra, racional, imutável,
Retilíneo e impenetrável,
Com teu exército de promessas doces,
Estampadas no céu da tua boca,
Fulminando com o brilho dos teus olhos,
Qualquer esperança de vida,
Para a minha indiferença.

Como ousas, filha da esperança,
Invadir assim meu claustro,
Onde habitava submisso escravo,
Tranqüilo, resignado e inconsciente,
Com fulgurações e sabor de liberdade,
Em cada um dos fios de teus cabelos,
Em cada gesto, cada palavra, cada sorriso,
Atirados em direção ao cativo,
A despertar no escravo,
Sonhos de senhor.

Nunca mais serei o mesmo,
Serenos, austeros, absolutos,
Dono de meus caminhos, minhas coisas,
Sacudindo com energia a poeira da vida.
Volto a escutar as vozes do tempo perdido,
Em misterioso diálogo comigo mesmo,
Subitamente cansado, sofrido de mal de amor,
Inexoravelmente perdido, eterno caminhante,
Perdido na busca de você.

Desce a noite serena e na linha do horizonte mais e mais eu vejo desenhar-se os contornos suaves de
teus olhos azuis.

Mais uma vez eu sinto sua forte presença desdenhosa, sorridente, energética, interrogativa em seu

eterno enigma de mulher.
Nunca te decifrar eu vou,
Mas esta noite perdão ...
Dormirei com você ... Paixão.

15 PLENITUDE

Olho para cima e te vejo iluminada,
Luz que aquece minha alma peregrina,
Que emociona e me traz entrecortadas, Lembranças do amor de uma menina.
"É um bilhete", penso,
Quantas mensagens naquele pequeno invólucro, a descrever mística e encantadora trajetória.
Adiante na noite, vejo as luzes traseiras do carro em frente,
Atrás eu venho a toda, em pleno gás,
Passo pela reta dos boxes,
Nenhum sinal, nenhuma placa,
"Ok, sem pit",
Curvas 1 e 2, tudo bem,
O carro se inclina todo, se arrasta,
Retão, pé embaixo,
A máquina salta e grita de prazer,
Noite adentro, oito faróis, oito olhos que tudo veem,
Ao longe as luzes traseiras,
"Saco! Ele foi mais rápido",
Debaixo de meu corpo a fera dá o bote,
As coisas passam cada vez mais rápido,
E mais... e mais...
De repente, acontece...
Entramos em "flat",
Aquele momento mágico do mergulho em que a máquina atinge o auge,
O motor não acelera e não freia,
As laterais tremem levemente,
Uma estranha sensação de êxtase me invade,
De poder, de plenitude,
Eu e ela unidos num só corpo, uma só alma,
Em busca dos confins do universo,
Com a vida a passar pela janela.
Qual verdade por trás de tal momento,
Junto com aquele papel... desdém?,
Sorrisos, meiguices, tormentos?
Vontade de ser minha e de mais ninguém.
ó querida rosa, linda de luz brilhante, fundamental, perene, constante,
Transforma este amor saudade,
Doído, ferido, gritante,
Transforma em eternidade,
A paixão de um eterno instante.
Dura uma eternidade,
Aquele momento mágico de ser tudo, De ser o máximo,

De atingir o inatingível,
De ser dono e senhor de meus destinos,
Me enche de energias positivas,
Da certeza de ter objetiva,
Clareza de saber onde chegar.
Passa a 1ª placa ... 200,
Passa a 2ª ... 100,
"E hora, acabou",
"Monto" nos freios,
A máquina chora, geme, reclama,
Fica de lado, protesta, me chama,
Acabou o encanto,
Por enquanto,
Logo logo tem mais,
"Um pouco de grama... perfeita", Na frente as luzes de freio,
"Estou mais perto".
Cai como uma pétala de rosa,
Em meu colo, em minha alma enternecida, Olho para cima e um sorriso fugitivo,
"Já sei", te espero onde sempre,
Sua figura esguia se esvanece,
Como a luz suave de uma prece,
Junto com ela, minhas vontades,
Junto comigo, minhas vaidades,
Espero em teu reino, amor eterno,
Da luz, da sombra e do som,
A certeza e o perfume inebriante,
De estar vivo em eterno instante,
Entro em "flat" ... com você.

16 ALO DOÇURA

Esse texto talvez seja o mais luminoso de todos, e aqui está porque julgamos que devemos repartir com todos vocês a alegria que sentimos por termos sido agraciados, embora sem nenhum merecimento especial, com inspiração suficiente para interpretar e revelar o sorriso e o amor que move duas almas tão bonitas.

Como é bom poder fechar esta nossa contribuição com este testemunho de amor e elevação espiritual.

Olá Tios

Como vão as coisas por aí?

Por aqui tudo bem. A paz e a alegria parece que estão presentes sempre nos rostos de todos.

Temos muito trabalho por aqui.

Ainda temos de ir à escola.

Damos bons passeios e nossos "tios" daqui são muito atenciosos e se preocupam muito conosco.

De vez em quando recebemos visitas de outros lugares.

Quando estivermos melhores também deveremos fazer algumas visitas.

Ricardinho também está aqui conosco e manda lembranças.

Avisa a todos daí que já está andando de novo e já aprendeu a ler.

Temos hora para tudo, ou melhor dizer, momentos para fazer nossas tarefas.

Nosso mentor é vovô Ronaldo, sempre alegre e que nos fala sempre de Jesus, nos conta histórias e mantém sempre elevado o moral de todos.

Nos dizem que brevemente poderemos nos engajar em um programa de assistência a nossos irmãozinhos daí da Terra.

Recebemos muitos por aqui.

Diariamente vemos novos rostos, recém- chegados, alguns até em estado bastante triste, sendo encaminhados às enfermarias.

Gostaríamos de levar mais alegria a todas as crianças da Terra, falar a eles que torcemos muito por aqui, para que eles consigam fazer com que o mundo seja criança novamente.

Está ficando difícil descer novamente à matéria.

Muitos querem nos receber e não podem.

Muitos podem nos receber mas não querem.

Ficamos tristes com isso.

No entanto, temos certeza que nossos "tios" fazem a sua parte e nos ajudam.

Estamos felizes por vocês aí.

Venham nos visitar em seus pensamentos. Acreditem. Essa é a chave da porta de entrada.

Daremos bons passeios juntos.

Muita paz e um beijo para os "tios". Que Jesus coloque uma estrelinha a mais na cabeça de todos vocês.

Um abraço apertado na Tia Laura.

Lucinha

_ Jesus de amor sincero,

Mestre amado, amor sem fim,

Traga pra mim o que eu quero,

Uma estrelinha também pra mim.

Também estou aqui.

Ricardinho